

VALOR

ECONÓMICO

13 de Março 2017
Segunda-Feira
Semanário - Ano 2
Nº 50 / kz 400

Director-Geral
Evaristo Mulaza

RELATÓRIO EXCLUSIVO DA BMI RESEARCH



Défice fiscal recua para os 3,8% em 2017

Unidade de análise da agência de notação financeira Fitch antevê uma queda de dois pontos percentuais no défice orçamental, recuando dos 5,8% inscritos no Orçamento Geral do Estado para os 3,8%, este ano. Em relatório exclusivo, a que o VALOR teve acesso, o BMI admite superavit orçamental apenas em 2020. Pág. 14

ELAS E O PODER

OBSERVATÓRIO. Dos negócios à governação, passando pela política e pela academia, o debate sobre a representatividade feminina na vida pública vai ganhando novos contornos, à medida que as mulheres 'tomam de assalto' a liderança de várias empresas e instituições públicas e privadas de referência. No mês que lhes é dedicado, o VALOR apresenta os rostos das mulheres que dão cartas na economia e destapa os números que mostram a trajectória da conquista da influência e do poder feminino. Págs. 4 a 9



Venda de carros derrapa

A venda de carros, em 2016, caiu cerca de 56% para as 9.178 unidades, revelam dados provisórios da associação das concessionárias. O segmento de luxo foi fortemente castigado, com marcas como Porsche, Jaguar e Land Rover a não registarem qualquer venda ao longo de todo o ano. A Chrysler foi a excepção, mas com um só carro vendido. Págs. 10 e 11

Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ EUR 176,4 Kz (+0,3) ▲ LIBRA 203,8 Kz (-2,7) ▼ YUAN 24,1 Kz (-0,1) ▼ RAND 12,7 Kz (+0) ▲



DIGITOS & NÚMEROS

Contabilidade & Consultoria Fiscal

Tel: +244 945 766 958 e-mail: digitos.numeros@gmail.com

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



A TRAJECTÓRIA

O mês de Março é assinalado, no VALOR, com um levantamento sobre a presença de mulheres na liderança de instituições de relevância nacional, no sector público e privado. A ideia central não passa por lembrar as opiniões e sentimentos controversos que o tema da desigualdade do género, invariavelmente, desperta. Deixámos de parte esta reflexão, por ora, por uma razão simples. O grau de controvérsia na abordagem da inserção da mulher será sempre proporcional às dinâmicas de evolução da própria sociedade. Basta verificar que, nas sociedades consolidadas e que representam os padrões de desenvolvimento que almejamos, as preocupações em torno na mulher são vistas em planos completamente diferentes do nosso. Um exemplo serve. Se hoje é admissível perguntar, em Angola, a uma mulher se há senhoras aptas para assumirem a liderança no país, em qualquer democracia evoluída, a pergunta soaria a disparate. Não é por acaso que, mais do que em Angola, há lugares pelo mundo em que as mulheres cada vez mais vão manifestando distanciamento às homenagens que lhes são reservadas, pelo sabor à condescendência que dissimulam.

O propósito da radiografia é, por isso, outro. Passa essencialmente por catalogar as referências estatísticas que orientam a

discussão sobre a representatividade da mulher e que nos ajudam a perceber o ponto em que nos situámos, face ao passado.

Numa perspectiva meramente numérica, percebe-se à vista desarmada o crescimento notável nos últimos anos da representatividade e influência femininas no mundo dos negócios, mais especificamente no sector empresarial público. À falta de registos consolidados que permitam o rigor comparativo da evolução no tempo, podemos apenas referir que foi nesta década que assistimos às mulheres chegarem ao topo de empresas públicas de referência em números mais expressivos. Até ao fim da década passada, na liderança de empresas públicas de referência, não havia outro registo notável senão o de Albina Assis, a primeira mulher a presidir à mais estratégica das empresas do Estado - a Sonangol - entre 1991 e 2000. Albina Assis carrega, aliás, o estatuto de precursora da liderança das mulheres no sector empresarial público, estatuto hoje representando por gestoras como

Isabel dos Santos, curiosamente na Sonangol; Cristina Dias Van-Dúnem, no Banco de Poupança e Crédito, ou Maria Luísa Andrade, nos Correios de Angola. A este grupo ainda se pode juntar nomes como o de Vera Daves, a jovem economista à frente de uma das três instituições reguladoras de mercados, no caso a Comissão de Mercado de Capitais. Ou o da veterana Maria Luísa Abrantes que, até 2015, liderou o conselho de administração da extinta Agência Nacional para o Investimento Privado.

No caso do sector privado, por definição mais dinâmico, o quadro da representatividade feminina é ainda mais interessante. Como assinala o texto principal do Observatório (nas páginas 4,5,6 e7), há, pelo menos, um banco em que o conselho de administração é constituído maioritariamente por mulheres, registo quase impensável nas primeiras duas décadas de economia de mercado.

Sobram ainda várias dezenas de exemplos que serviriam para ilustrar a trajetória, em termos estatísticos, da conquista do mundo dos negócios pelo poder feminino, mas os aqui sugeridos são uma amostra suficiente de que, cada vez mais, o debate sobre o espaço da mulher na sociedade vai atingir outras latitudes. Como aquelas que apontou a líder da Federação das Mulheres Empresárias de Angola, Maria do Carmo Nascimento, neste Observatório.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca

Secretária de redacção: Rosa Ngola

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores: Cândido Mendes, Mateus da Graça Filho

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes
comercial@gem.co.ao, **Tel.:** +244941784790-(1)-(2)

Nº de Contribuinte: 5401180721;

Nº de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510, 222 320511 Fax: 222 320514

E-mail: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Elisabeth dos Santos

Empresária

Quantas empresas estão sob a sua gestão actualmente?

Mais de seis, temos a Deside, a Fazenda Pérola do Kikuxi, a Avikuve, a Kikovo, a Nutrimix, a Palma, a Solmar e alguns projectos que vão surgir, brevemente. Umas já estão a funcionar, mas sem apresentação pública. No total, criamos cerca de mil empregos directos.

É fácil uma mulher gerir homens?

O mais complicado não é gerir homens, mas gerir pessoas. Hoje o homem angolano já não olha para o sexo, mas para a competência e planos em que todos se revejam. Conto com o apoio de muitos homens. As políticas não são femininas, mas de todos.

Quando nasce o sonho de ser empresária?

Estudei no Nzinga Mbandi, outras meninas sonhavam ser médicas, aeromoças e eu sempre disse que seria uma empresária de sucesso. Quis sempre estar num espaço de euforia e de poder de decisão. Foi um sonho, mas, até à concretização, tive de trabalhar muito.

TERÇA-FEIRA

O Governo vai contratar a privados, em regime de concessão por 25 anos, a construção e operação de uma central termoeléctrica em Cabinda, face ao previsível aumento das necessidades de electricidade, de 90 MegaWatts (MW), no enclave. A informação consta de um decreto presidencial de Fevereiro.

QUARTA-FEIRA

O Reino de Espanha pretende financiar Angola, com dois milhões de dólares, 41 projectos de investimento privado, identificados pela Unidade Técnica para o Investimento Privado (UTIP), nos sectores da indústria, agricultura, turismo e construção. A informação foi avançada pelo director da UTIP, Norberto Garcia.

QUINTA-FEIRA

O Plano de Saneamento e Reestruturação do BPC foi apreciada pela Comissão Económica e Comissão para a Economia Real do Conselho de Ministros para definir regras de controlo mais rigorosas, otimizar os custos operacionais e aperfeiçoar o modelo de governação.



SEXTA-FEIRA

A Polícia de Guarda Fronteira impediu o contrabando de 20 mil litros de combustível e bens da cesta básica, no posto fronteiriço do Luvo, na sexta-feira passada, que tinha como objectivo a comercialização na vizinha República Democrática do Congo.



SÁBADO

O cabeça-de-lista do MPLA às eleições gerais de Agosto, João Lourenço, prometeu baixar o custo das obras públicas e admitiu que os altos preços do petróleo dos últimos anos criaram "maus hábitos" no país.



DOMINGO

Um processo de levantamento dos níveis de produção nacional no sector agrário está a ser levado a cabo pelo Ministério do Comércio, com vista a desenvolverem-se estratégias que visam melhorar a comercialização dos produtos nacionais.



SEGUNDA-FEIRA

A Sonangol garante que os dois navios-sonda encomendados à Coreia do Sul, um negócio de 1.100 milhões de euros, vão entrar, em breve, em serviço, após concluído o novo modelo de negócio para os rentabilizar. Em causa, está a aquisição destes à Daewoo Shipbuilding and Marine Engineering, cujo pagamento por parte da empresa tem vindo a ser atrasado.



COTAÇÕES



AMÉRICA OFICIALMENTE RECUPERADA

A expectativa de subida de juros por parte da Reserva Federal Americana, que sinaliza um reconhecimento da melhoria genérica do ambiente económico na maior economia do mundo, finalmente recuperada da crise de 2009, levou os mercados a um comportamento cauteloso, mas em terreno positivo. Os mercados europeus fecharam mistos, animados, por um lado, pelos ganhos do sector bancário devidos às subidas das taxas de juro, e, cautelosos com a possibilidade de o regulador europeu subir a taxa de juro.



PSI20, O LÍDER EUROPEU

O petróleo continua em queda e encerrou sexta-feira 0,69% no vermelho para 51,83 dólares pelo barril de Brent, com os cortes da OPEP a ficarem ofuscados pelas subidas nos inventários de petróleo americano, devidas à produção de petróleo de xisto. O PSI 20 liderou as quedas na Europa (-0,31%) penalizado pelas perdas de 3,11% dos CTT, que atingiu um mínimo histórico, e da EDP, cujas renováveis fecharam a perder 1,39%.

Petróleo Brent	51,26	-0,93	-1,78%
Petróleo	48,40	-0,86	-1,79%
Gás Natural	3,014	+0,040	+1,34%
Ouro	1.202,35	-0,85	-0,07%
Prata	16,962	-0,074	-0,43%
Cobre	2,600	+0,020	+0,78%
Café Londres	2.157,00	0,00	0,00%
Alumínio	1.878,25	+4,75	+0,25%

Observatório

RETRATO DA MULHER NA VIDA PÚBLICA

O poder no feminino

GÉNERO. Presença feminina, em lugares de topo, em empresas públicas chega a roçar, em alguns casos, os 40%. Na banca, já representam cerca de 33% do total de decisores, no grupo dos cinco maiores bancos, em termos de activos.

Por António Nogueira

A presença de mulheres à frente de instituições de relevância nacional é considerada ainda hoje insignificante, de uma forma geral, mas o poder feminino, com o passar do tempo, tem ganho notoriedade em várias esferas da vida do país.

No sector empresarial público, por exemplo, cada vez mais as mulheres se destacam em cargos de liderança e em funções outrora quase exclusivas aos homens. Isabel dos Santos, neste particular, é o símbolo máximo do poder e da influência feminina nos negócios, sobretudo depois de se tornar a líder da Sonangol, considerada, em vários 'rankings' internacionais, como o da Forbes, como uma das maiores empresas de África. Aliás,

a petrolífera nacional já teve uma presidente, Albina Assis, entre 1991 e 2000.

Além de ter a 'mega' empresária no seu comando, a Sonangol conta ainda, no conselho de administração, num total de nove membros, com uma administradora executiva, Eunice Carvalho, colocando a representação feminina na gestão da empresa nos 22%.

Uma representação mais significativa pode ser verificada noutra empresa pública de referência, no caso, nos Correios e Telégrafos de Angola, que, tal como a Sonangol, é gerida por uma mulher. No cargo desde 2015, a presidente do conselho de administração, Maria Luísa Andrade, comanda um grupo constituído por quatro administradores, entre os quais um do sexo feminino, remetendo a representação feminina nos 40%.

Entre as empresas públicas do sector eléctrico, a Empresa Rede Nacional de Transporte de Electricidade (RNT-EP) e a Empresa Nacional de Distribuição de Electricidade (ENDE-EP) registam uma representação feminina de apenas 14%. Os conselhos de administração das duas empresas integram, cada um, apenas uma mulher, de um total de sete membros. O quadro, no

ROSA LUÍS DE SOUSA MICOLO
Ministra dos Assuntos Parlamentares

Desde 2012. É licenciada em Direito, pela UAN. Militante do MPLA há mais de 30 anos.

MARIA DE FÁTIMA JARDIM
Ministra do Ambiente

Desde 2010. Já tinha sido ministra em 1996. Foi deputada à Assembleia Nacional entre 2003 e 2008. Membro do Comité Central do MPLA, desde Fevereiro de 1976.

FILOMENA DELGADO
Ministra da Família e Promoção da Mulher

Desde 2012. Foi secretária de Estado do Desenvolvimento Rural, tendo ainda ocupado o cargo de vice-ministra da Agricultura e Desenvolvimento Rural entre 2007 e 2008.

MARIA CÂNDIDA PEREIRA TEIXEIRA
Ministra da Ciência e Tecnologia

Desde 2012. Nasceu em 1955, no Moxico. Especialista em Física Nuclear, na Universidade Politécnica de Hanói, Vietname. É doutorada em Física Atómica e Nuclear Aplicada, pela Comissão de Energia Atómica do Vietname. É docente na Faculdade de Ciências da UAN.

ISABEL TORMENTA
Secretária de Estado da Justiça e dos Direitos Humanos

Licenciada em Direito, pela Faculdade de Direito da UAN, possui uma pós-graduação em Ciências Jurídicas pela Universidade Clássica de Lisboa. Filiada no MPLA desde 2000, é membro da OMA.

CAROLINA CERQUEIRA
Ministra da Cultura

Desde 2016. Entre 2010 e 2015, foi ministra da comunicação social. É natural do Kwanza-Norte. Mestre em Ciências Político-Jurídicas pela UAN. Jurista de profissão.

VICTÓRIA DE BARROS NETO
Ministra das Pescas

Desde 2012. Mestre em Ciências do Mar e das zonas costeiras, especialista em gestão de pescas e licenciada em Biologia, pela UAN. Foi secretária de Estado das Pescas e vice-ministra das Pescas.

LAURA DE ALCÂNTARA MONTEIRO
Secretária de Estado da Economia

Desde 2012. Mestre em políticas macroeconómicas pela Universidade McGill, Montreal, Canada, e licenciada em economia financeira, pela Universidade Humboldt, Berlim, Alemanha.

ÂNGELA BRAGANÇA
Secretária de Estado da Cooperação

Desde 2012. Licenciada em Ciências Sociais. Mestre em Relações Internacionais, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.

MULHERES NA GOVERNAÇÃO



36%

VALOR QUE REPRESENTA a classe feminina com assento na Assembleia Nacional.

entanto, é relativamente diferente na Empresa Pública de Produção de Electricidade (PRODEL-EP), onde, entre sete membros, pontificam duas administradoras, sendo uma executiva, Judith da Nazaré dos Santos Lemos Rosas, e outra não-executiva, Emanuela Bernardette Afonso Vieira Lopes, fixando a presença feminina nos 28%.

Entre as empresas públicas tuteladas pelo Ministério dos Transportes, o cenário não difere muito. Quase todas mantêm, pelo menos, uma mulher nos órgãos de decisão, mas a representação, em termos percentuais, varia para cada caso, dependendo do número de membros que compõem os conselhos de administração. Encontram-se nessa condição, empresas como a TAAG, a ENANA e o Porto de Luanda.

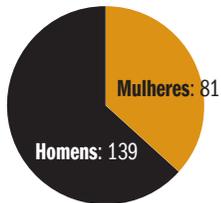
No sector público das telecomunicações e dos mineiros, a situação é mais complicada. Não há mulheres nos conselhos de administração das principais empresas, no caso a Angola Telecom e a Endiama.

BANCA À FRENTE

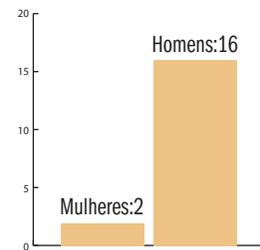
O sector bancário parece o que mais avança em matéria de equidade

PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA

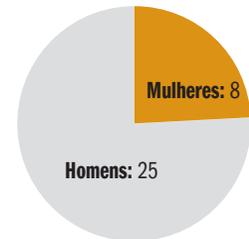
Assembleia Nacional
Total de assentos: 220



Governadores



Vice-Governadores/Total :33



entre homens e mulheres. O conjunto dos cinco principais bancos, em activos, nomeadamente o BPC, BAI, BFA, BIC e Millenium Atlântico (BMA) integram 14 mulheres nos conselhos de administração, contra 42 gestores do sexo masculino, correspondendo a 33% do total desse grupo.

Em termos individuais, o BPC tem a representação feminina mais significativa no conselho de administração de um banco, colocando-se na ordem dos 41%. A instituição bancária, que possui um total de 12 administradores, integra cinco do sexo feminino, incluindo a presidente do conselho de administração, Cristina Dias Van-Dúnem.

No BFA, a quota correspondente às mulheres é de 36% do total, sendo que, entre os 11 administra-

41%

Valor percentual que corresponde ao número de mulheres que desempenham funções de topo no BPC.

2016

Ano em que Isabel dos Santos assumiu a direcção da petrolífera Sonangol.

dores executivos, quatro são senhoras. Já, no Banco BIC, o número de mulheres no topo representa 25% do total, composto por 12 membros.

O BAI e o BMA, que contam cada um com oito administradores, segundo informação disponível no site do BNA, têm a representação feminina mais reduzida, pouco acima dos 13%. Cada banco tem apenas uma administradora no conselho de administração, contra sete administradores.

Fora do 'top 5', há bancos pequenos com mulheres a dirigirem o leme. Maria do Céu Silva Rebelo Martins Figueira, por exemplo, preside ao conselho de administração do Banco CREDISUL, que é composto de 66% de mulheres,

num total de três administradores. No Banco Prestígio, Maria João Almeida Gonçalves de Almeida preside ao conselho executivo, mas, no conjunto, a instituição conta com 42% de mulheres na administração, entre sete membros.

EMPREENDEDORAS 'INVADEM' PRIVADO

No sector empresarial privado, embora os números oficiais, em termos da sua representatividade, sejam escassos, vão surgindo algumas iniciativas, voltadas sobretudo para o empreendedorismo. A secretária da Federação das Mulheres Empreendedoras, Henriqueta

CONTINUA NA PÁG.6

BRANCA DO ESPÍRITO SANTO

Ministra do Urbanismo e Habitação

Desde 2016. Natural de Luanda, é licenciada em Planificação da Economia Nacional, pela Faculdade de Economia da Universidade Martin Luther/Alemanha). Foi presidente da Associação dos Profissionais do Imobiliário de Angola.

ANA PAULA INÊS LUÍS N'DALA FERNANDO

Secretária de Estado para o Ensino Geral e Acção Social

Desde 2012.

MARIA DA LUZ MAGALHÃES
Secretária de Estado para a Assistência Social

BERNARDA GONÇALVES MARTINS

Ministra da Indústria

VALENTINA FILIPE
Secretária de Estado das Finanças

Desde 2010. Foi vice-ministra das Finanças de 2008 até 2010.

ANA PAULA SILVA DO SACRAMENTO NETO

Secretária de Estado para a Família e Promoção da Mulher

Desde 2012. Licenciada em Química. Foi vice-ministra da Família e Promoção da Mulher, em 2010.

CÂNDIDA MARIA GUILHERME NARCISO

Governadora da Lunda-Sul

Desde 2012. Natural de Luena, Moxico, licenciada em Ciências de Educação, Pedagogia Especial, especialista em Oligofrenopedagogia pelo Instituto Enrique José Varona-Havana-Cuba. Mestre em Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social pela Universidade de Valência-Espanha. Deputada do MPLA, pelo Circulo Eleitoral Nacional, desde 1992.

ALDINA DA LOMBA

Governadora de Cabinda

Desde 2012. Licenciada em Relações Internacionais pela Universidade Privada de Angola (UPRA). Militou nas estruturas da OPA e da OMA. Foi secretária provincial da OMA. Em 2003 foi eleita membro do Comité Central e do Bureau Político do MPLA

AIA-EZA GOMES DA SILVA

Secretária de Estado das Finanças

Desde 2016. Mestre em Economia Monetária, pela University of California-Hayward. Licenciada em Economia, pela UAN. Foi directora nacional do Orçamento de Estado.



Observatório

CONTINUAÇÃO DA PÁG.5

de Carvalho, declara que a instituição controla pelo menos cinco mil membros, com actividade de pequena e média dimensões.

Henriqueta de Carvalho acredita que a mulher angolana está a evoluir e a “tomar o seu lugar na sociedade, estando inserida em quase todas as áreas da economia”. Considera, contudo, que a empresária tem sido condicionada na obtenção de crédito e na formação técnica, “precisamente pela sua condição de mulher”. “Para a maioria das mulheres ligadas à Federação acederem ao crédito têm de ter uma empresa constituída”, observou, a mesma que é também empresária há cerca de 25 anos. Noutros casos, explica, recorre-se aos chamados bancos comunitários que garantem a cedência de pequenos créditos, que podem chegar aos 100 mil kwanzas.

Ainda no privado, mas num escalão mais elevado, observa-se também que algumas mulheres se destacam à frente de importantes organizações. Além de Isabel dos Santos, temporariamente afastada da gestão dos seus negócios, destacam nomes como Elisabeth Dias dos Santos, proprietária e administradora da fazenda Pérola do Kikuxi, um projecto lançado em

2012, que conta com uma área de 950 hectares e com capacidade para produzir 24 milhões de ovos/mês.

A empresária, de 37 anos de idade, está à frente de um grupo de empresas prestadoras de serviços em áreas como a agro-indústria, processamento de pescado e elaboração de projectos.

A jurista, “emprestada ao empresariado”, como se apresenta, começou com uma pequena empresa de realização de eventos contra a vontade do pai, o actual presidente da Assembleia Nacional, Fernando Dias dos Santos. Hoje a empresária confessa que quer ajudar outros empreendedores, com a criação, ainda este ano, de uma incubadora de empresas. Há outros nomes, como o da advogada Lourdes Caposso, fundadora a líder do grupo LCF.

ABAIXO DAS EXPECTATIVAS

De um modo geral, a participação activa da mulher nas várias esferas da sociedade, embora se lhe reconheça significativos avanços, continua a não satisfazer as expectativas das instituições que se batem pela equidade do género. Em Angola, os números oficiais, em relação aos órgãos de decisão, salientam que as mulheres continuam a estar sub-representadas.

MEMORIZE

● **De uma maneira geral, a participação activa da mulher nas várias esferas da sociedade, embora tenha registado progressos, continua a não satisfazer as expectativas das instituições que se batem pela equidade do género.**

22%

Representatividade feminina no conselho de administração da Sonangol, desde que Isabel dos Santos assumiu a liderança da empresa.

Na actual Assembleia Nacional, dos 220 assentos, 81 são ocupados por mulheres, sendo 69 eleitas pelo MPLA, 10 pela UNITA e duas pela CASA-CE. No total, as mulheres representam cerca de 36% do total de deputados,

O mesmo cenário constata-se em relação ao Governo. De 33

ministérios, apenas oito são dirigidos por mulheres, representando cerca de 24% do total.

A nível provincial, dos 18 governadores, apenas duas são mulheres (Cabinda e Lunda-Sul), correspondendo a 11% do total e dos 33 vice-governadores, apenas oito são do género feminino (24%). Entre os 205 administradores municipais, 42 são mulheres, cerca de 20% do total.

O Relatório Africano de Desenvolvimento Humano de 2016, produzido pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), reforça que, “apesar de terem sido feitos progressos significativos em numerosas frentes na maioria dos países, a igualdade de género para as mulheres e raparigas africanas ainda está longe de ser satisfatória”.

Os cálculos com recurso aos índices de género do PNUD indicam uma desigualdade de género em quase todos os países africanos, sendo que as diferenças de género ligadas ao rendimento ou não resultam em menor desenvolvimento humano das mulheres em comparação com os homens.

Em média, segundo o PNUD, as africanas atingem apenas 87% do desenvolvimento humano dos homens. O relatório salienta que alguns países têm sido “bem-sucedidos” na eleição de mulheres para os parlamentos e outros car-

gos electivos, mas, reforça que “as estruturas sociais e políticas ainda proscurem o pleno potencial das mulheres para ajudar a moldar de forma equitativa as agendas económica, social e na política nacional e local”.

Os especialistas do PNUD reconhecem, no entanto, que, além da política, as mulheres também fizeram avanços em posições de liderança na função pública, nos sindicatos e no privado, mas consideram, neste particular, que “o progresso na obtenção de equidade de género ainda está atrasado devido a uma combinação de resistência à mudança política, económica e social”.

“No privado, a percepção geral de que as empresas dirigidas por homens superam as mulheres não é suportada por dados nem justifica a lacuna na liderança. Embora a tendência esteja a melhorar, a percentagem de empresas com um director feminino ainda varia entre 7% e 30%”, em África, concluiu o estudo.

AFRICANAS NA ECONOMIA

Segundo ainda o Relatório Africano de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, “o aumento da participação feminina no mercado de trabalho não significou maio-

ISABEL DOS SANTOS

PCA da Sonangol

Presidente do conselho de administração da petrolífera estatal, Sonangol, desde 2016. O ‘império empresarial’ de Isabel dos Santos abrange ainda áreas como a banca, telecomunicações, distribuição e diamantes.

MARIA HELENA MIGUEL

vice-reitora da UCAN

Ocupa o cargo desde 2014. É mestre em Ensino da Língua Portuguesa, pelo ISCED, e licenciada em Língua Portuguesa, pela mesma instituição de ensino superior.

MARIA R. BRAGANÇA SAMBO

Reitora da UAN

Licenciada em Medicina pela Faculdade de Medicina da UAN, é especialista em Neurologia e doutorada em 2010. Foi decana da Faculdade de Medicina da Universidade Katyavala Bwila, em Benguela, (2011-2015), onde é também professora titular. Reitora desde 2015.

ALICE CEITA

Decana Faculdade de Engenharia da UAN

Após terminar a licenciatura em Engenharia na UAN, esteve sempre ligada ao ensino e à investigação. Doutorou-se em Engenharia, em Itália. Teve uma curta passagem pela Sonangol.

TERESA DA SILVA NETO

Reitora da UMA

Formou-se em Teologia e em Pedagogia. Fez um mestrado em Ciências da Religião e publicou, no fim dos estudos para o seu doutoramento na Universidade de Campinas (Brasil), o livro ‘História da Educação e Cultura de Angola’.

SÍLVIA VIRGÍNIA DO AMARAL

Decana da Faculdade Economia da UJES

MARIA LUÍSA ANDRADE

PCA da Empresa Nacional de Correios e Telégrafos de Angola

ACADEMIA

SECTOR EMPRESARIAL PÚBLICO



14 TOTAL de administradores do sexo feminino que compõem os órgãos de decisão do chamado grupo 'Top Five' da banca nacional.



BANCA

CRISTINA DIAS VAN-DÚNEM
PCA do BPC

Desde 2016. Foi nomeada por decreto presidencial para dirigir uma equipa composta por 10 elementos entre administradores e não executivos



MARIA JOÃO A. G. ALMEIDA
PCE do Banco Prestígio



MARIA DO CÉU S. R. M. FIGUEIRA
PCA do Banco CREDISUL

res oportunidades em empregos ou empresas de alta remuneração". "Existe uma diferença salarial entre homens e mulheres fora da agricultura em todos os mercados de trabalho na África subsaariana, onde, em média, a diferença salarial desajustada entre homens e mulheres é estimada em 30%", refere o estudo, salientando que "para cada um dólar ganho por homens na indústria, serviços e comércio, as mulheres ganham 70 centavos".

Outro factor determinante da

igualdade de género é definido, segundo ainda o relatório das Nações Unidas, pela presença das mulheres no local de trabalho e na tomada de decisões económicas. "As disparidades económicas e laborais significativas entre homens e mulheres continuam a ser a norma e não a excepção em muitos países africanos.

Estas desigualdades são encontradas em toda a África, em termos de acesso a activos económicos, participação no local de trabalho, oportunidades de empreendedorismo e utilização e benefícios dos recursos naturais e do ambiente",

consideram ainda os especialistas do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas.

O estudo lembra, no entanto, que "existe um alto custo económico quando as mulheres não estão integradas mais plenamente nas suas respectivas economias nacionais". De acordo com este relatório, os totais estimados de perdas económicas anuais devido a disparidades de género entre 2010 e 2014 poderiam ultrapassar 90 mil milhões de dólares na África

subsaariana, calculando-se que se tenha atingido um máximo de cerca de 105 mil milhões de dólares, em 2014.

Estes resultados, conclui o relatório, confirmam que África está a falhar o seu potencial, sendo que uma parcela significativa da sua reserva para o crescimento - as mulheres - não é totalmente utilizada.

VERA DAVES
PCA da CMC

Licenciou-se em Economia pela Universidade Católica de Angola. Foi técnica de Finanças na Sonangol ESSA e directora do gabinete de produtos e research do Banco Privado Atlântico. Em 2012, assumiu as funções de Administradora Executiva da Comissão do Mercado de Capitais (CMC) e, em 2016, foi nomeada, por Decreto Presidencial, presidente do conselho de administração da CMC.

DIVA MARQUES
Organizadora de eventos

Vencedora do prémio 'Melhor Inovação' na primeira edição da ExpoNoivos Angola 2016, é decoradora e empresária. Tem sido dos rostos 'mais bem falados' nessa área de negócios.

MAGNÓLIA FRANCISCO
Beleza e estética

Detentora de empreendimentos nos ramos da beleza e estética e educação, emprega mais de 200 pessoas. Foi enfermeira e chegou a fazer dois anos de ensino superior de Medicina, mas o gosto pela beleza falou mais alto.

ELISABETH DIAS DOS SANTOS
Peróla do Kikuxi

A fazenda Pérola do Kikuxi, que conta com uma área de 950 hectares e com capacidade para produzir 24 milhões de ovos/mês, é um dos seus mais ambiciosos projectos empresariais, lançado em 2012.

ROSE PALHARES
Estilista

Foi considerada pela revista Vogue Itália como uma das "mais interessantes designers" da actualidade, tendo sido considerada um "talento a seguir". O título surgiu depois de Rosa Palhares lançar a sua coleção Primavera/Verão, uma 'mistura do novo com o velho, utilizando os tradicionais e coloridos padrões africanos com silhuetas contemporâneas.

JÉSSICA COELHO E TAVIRA
Directora de marketing IBM

É directora de marketing da IBM para Angola e África Central, responsável pela estratégia comercial em 13 países. Licenciada em Gestão e Informática, pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em Negócios Internacionais.

BEATRIZ FRANCK
Administradora Grupo Bibi

Contabilista de formação, miss Cabinda 2003, é gestora do grupo de empresas Bibi e CEO da revista Fashion.

SECTOR INSTITUCIONAL PÚBLICO



SECTOR EMPRESARIAL PRIVADO



Observatório



MARIA DO CARMO NASCIMENTO, PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS MULHERES EMPRESÁRIAS DE ANGOLA

“Não devemos só deixar que os outros façam”

ENTREVISTA. Líder empresarial, accionista da Vidrul, deputada e esposa do primeiro primeiro-ministro de Angola, Lopo do Nascimento. Em entrevista ao VALOR, defende a inserção dos angolanos na vida empresarial, critica a vitimização da mulher, elogia o processo de diversificação e declara existirem, em Angola, mulheres aptas para dirigir o país.

Por Isabel Dinis

A controvérsia da discriminação está, normalmente, presente sempre que se aborda a inserção da mulher na sociedade, de forma geral. A senhora está nos negócios. Alguma vez foi discriminada por ser mulher?

A primeira vez que senti pessoalmente que as mulheres eram postas de lado foi quando criámos a Associação de Mulheres de Negócios de Luanda, a ASSOMEL em 1990, porque não havia nenhuma associação do género. Constatámos, a partir de alguns seminários, que algumas mulheres tinham negócios e ninguém os conhecia. Nesta altura, sentimos alguma discriminação, porque alguns homens não percebiam. Às vezes, diziam frases como: “A ASSOMEL só tem mel lá dentro”. E nós respondíamos que não tinha nem mel nem

fel, apenas mulheres a trabalhar no que gostavam e sabiam fazer. Foi nessa altura que houve polémicas e percebi que os homens, às vezes, não gostam de ver a mulher a sobressair. Criámos a associação independentemente disso, com mais de 200 mulheres.

Passaram-se vários anos. Hoje está mais satisfeita?

Em parte sim, sobretudo se recuarmos ao tempo colonial. Naquela altura, tudo em Angola pertencia à força colonizadora. Não havia angolano com escritórios

e empresas. O primeiro passo foi dado. Já foram criadas muitas leis em benefício das mulheres, como o instrumento sobre as trabalhadoras domésticas, contra a violência doméstica, o código da família, a lei sobre a maternidade, entre outros.

O que pensa sobre a igualdade salarial?

Sempre defendi a igualdade salarial. Para trabalho igual, salário igual.

A associação tem recebido queixas de desigualdade salarial?

Sim. O que fazemos é dar formação e aconselhamento em reuniões com as associadas.

Tem referências do número de empreendedoras em Angola?

Temos muitas empreendedoras e não sei dizer qual é a percentagem das mulheres. Não sei dizer

por causa do número de mulheres no mercado informal, que é muito grande. A federação, com as associações provinciais, está a fazer um trabalho no sentido de pôr as mulheres do sector informal nas associações para aconselhá-las a formalizarem os negócios. É um trabalho um pouco difícil, porque o formal tem mais custos em relação ao informal.

Quando vendem no mercado, pagam o espaço da bancada, mas se formalizarem vão pagar os trabalhadores e os impostos. É um trabalho que estamos a fazer e não se faz rapidamente.

Mas a formalização passa também pelo acesso a certas facilidades. Há muitas reclamações de empreendedoras em relação ao acesso ao crédito. É por serem mulheres?

Não creio que a dificuldade de obtenção de crédito tenha que ver

“Dormimos um pouco e tivemos culpa. Como o petróleo nos dava dinheiro e estabilidade, adormecemos um pouco.”

com o facto de se ser mulher ou homem. Até porque várias instituições já comprovaram por estudos que as mulheres cumprem mais e melhor os seus compromissos em relação aos homens.

A dificuldade é a falta de garantias bancárias. A maior parte das mulheres não tem património porque, às vezes, até a casa onde vivem não lhes pertence, é do marido. O banco faz exigências que as mulheres não estão em condições de cumprir. É possível que, num caso ou noutro, se dê preferência ao homem em detrimento da mulher, por amizades e conhecimentos no banco.

E o que a Associação faz para apoiar? Tem parcerias com bancos?

Temos parcerias com dois bancos. Este ano, vamos rever as nossas parcerias. Temos uma parceria com o Millennium Atlântico e outra com o Sol, através das quais as associadas podem ter acesso a créditos não muito altos.

Não vão acima dos 20 mil dólares, mas ajudam a desenvolver pequenos negócios. No Millennium Atlântico, se a associada tiver um projecto dentro desses programas governamentais, os bancos são capazes de dar valores superiores, desde que tenham garantias. As mulheres devem deixar de ver as questões nesse prisma.

Parece-lhe haver alguma vitimização da própria mulher?

Sim. Às vezes, tornamo-nos vítimas e queremos misturar as coisas. As mulheres devem primeiro vivenciar a situação e depois reclamar se não forem tratadas em 'pé' de igualdade.

Mas também há exemplos noutra extremo. A maior empresa pública do país, por exemplo, é liderada por uma mulher. Que avaliação faz da prestação de Isabel dos Santos?

Eu não a vejo como mulher, mas como profissional. Ela tem estado a desempenhar o seu trabalho como deve ser e como pode. Para exercer essas actividades, também há condicionalismos. Uma pessoa não chega só a mandar e fazer. Os trabalhos não são só dela, são de uma equipa. Ela trabalha com uma equipa.

É possível a mulher 'sonhar' mais

alto, como, por exemplo, atingir a liderança do país, numa altura em que caminhamos para as eleições?

Vamos chegar lá. Podemos chegar lá em 20 anos ou menos.

Conhece alguma mulher apta para dirigir o país?

Sim, conheço. Não vou dizer os nomes delas, mas conheço sim. Mas também é preciso coragem.

Voltemos aos negócios. Que avaliação faz do processo de criação de negócios?

A situação económica e financeira hoje em dia não é das melhores, por causa da dependência do petróleo. O problema é a burocracia. Já foi pior, mas, graças ao trabalho que os empresários, de um modo geral, têm feito, já melhorou bastante.

E como se pode tornar o processo menos burocrático?

Agora está menos moroso. Desde que foi criado o Guiché Único e outros instrumentos para facilitar os empresários, o processo já é menos moroso. À medida que forem surgindo funcionários mais bem formados e houver melhor capacidade, a burocracia vai sendo reduzida.

O problema de base está ligado aos profissionais que lidam com o processo de criação de empresas?

Sim. Também. Está tudo relacionado.

Angola é o 10.º pior país para se fazer negócios no mundo, segundo o ranking 'Doing Business' do Banco Mundial. Concorda?

Eu não avaliava assim. Essas instituições, às vezes, têm os seus métodos e dão a sua opinião. Quando podemos, mostramos que não é como dizem. Há países muito piores que Angola. Muito piores.

Que políticas deviam ser criadas para a aclamada diversificação da economia?

Para esse processo, foram criados vários instrumentos. Mas devemos perceber que não é um processo de curto prazo, mas de longo prazo. Por exemplo, na agricultura, quando deitamos semente à terra, não brota numa semana ou num mês. Leva tempo.

Comecei com uma boutique, uma loja. Pedi ao Governo que me cedesse uma loja que estivesse desactivada e abri-a oficialmente no São Paulo. Hoje sou accionista da fábrica de vidros, a Vidrul.



Mário Mujica © AE

PERFIL

Maria do Carmo Nascimento começou a trabalhar aos 18 anos, ainda no tempo colonial. Esteve, durante 15 anos, na administração colonial, ao mesmo tempo que fazia trabalhos 'clandestinos', a ajudar os presos políticos. Lidera uma federação empresarial com cinco mil membros e que já submeteu às autoridades a candidatura para instituição de utilidade pública. Mãe de dois filhos, terminou o 5.º ano liceal, na era colonial. É deputada e empresária, com acções na maior vidreira de Angola, a Vidrul.

Concorda com o caminho que se tem seguido?

Sim. Estamos já a comprar bananas, legumes, frutas nacionais e muitos outros produtos. Temos empresárias que participam constantemente da Feira da Banana no Bengo. Ainda não é suficiente, mas já podemos comprar.

Não andámos a dormir à sombra do petróleo?

Dormimos um pouco e tivemos culpa. Como o petróleo nos dava dinheiro e estabilidade, adormecemos um pouco. Mas despertamos e já demos passos importantes. Não fizemos o suficiente, mas já demos passos significativos.

Há alguma política que o Governo devia seguir?

A política dos cambiais. Este ano é um ano mau para isso. É um ano de eleições e isso gasta muito dinheiro e temos de ter contenção. Mas as coisas vão melhorar e isto passará por melhorar o acesso às divisas aos empresários para poderem comprar aquilo que o país não produz.

“NUNCA TIVE PRIVILÉGIO, NEM DESPRESTÍGIO”

Trabalhou na Angola colonial, socialista e multipartidária. Destas três fases, que recordações guarda?

Tenho boas recordações. Aprender muito, criei muitas amizades. Aprender é sempre bom e, quando trabalhamos com outras pessoas de outras gerações, aprendemos sempre muito. Casei com um ex-presos político, que é o Lopo de Nascimento, que foi o primeiro primeiro-ministro de Angola pós-independente. Tive dois filhos. E depois fugi de Angola para integrar o MPLA no exterior.

E como foi ser esposa do primeiro-ministro, logo no primeiro governo da Angola pós-colonial?

No princípio, foi um pouco difícil. Fiquei preocupada em saber como me comportar, mas, pela educação de base e pelo trabalho clandestino, não tive grandes dificuldades na adaptação. Antes de o meu marido ser primeiro-ministro, saímos de Angola e fomos para o Congo. Estivemos os primeiros meses na Argélia. Em Brazzaville,

fui locutora do programa 'Angola combatente'. Era um programa que dava informações sobre o MPLA, sobre o que o partido fazia.

Na época em que fazia o programa já era uma fase de transição, estávamos em 1973. O programa chamava a atenção também das represálias que os portugueses poderiam fazer por causa do aproximar da independência.

Que exigências teve de cumprir na altura em que foi esposa do primeiro-ministro?

O protocolo exigia que não pudesse trabalhar. Tive de deixar de trabalhar, mesmo estando muito habituada a trabalhar. Era difícil ficar em casa. Depois, fui trabalhar para o partido nas relações exteriores e mais tarde o meu marido foi para a Etiópia como secretário-geral adjunto da comissão económica para África. Tive mais uma vez de deixar tudo para ir ter com ele.

Interrompeu sempre os seus trabalhos em benefício do marido? Do marido e dos filhos.

Teve algum privilégio por ser a mulher de quem era?

Nunca tive privilégio, nem desprestígio. Nunca me senti como a mulher do 'fulano'. Nunca tive muito esses problemas. Sempre fui cidadã e mãe. Numa determinada altura, comuniquei ao meu marido que a vida estava difícil, só de viver com o que o partido dava. E enveredei pela área empresarial. Muita gente não gostou da atitude. Na altura, em 1980, mesmo camaradas do partido diziam que as regras do partido não permitiam. Mas, mesmo assim, levei adiante as minhas ideias.

Comecei com uma boutique, uma loja. Pedi ao Governo que me cedesse uma loja que estivesse desactivada e abri-a oficialmente no São Paulo. Hoje sou accionista da fábrica de vidros, a Vidrul, estou ligada ao conselho de administração da empresa.

O seu marido alguma vez pôs alguma barreira na sua carreira empresarial?

Nunca. Pelo contrário, quando o aconselhei a fazermos parte da Vidrul, não hesitou. O país é nosso e devemos também ter empreendimentos. Não devemos só deixar que os outros façam.

Economia/Política

Todas as segundas-feiras
Angola tem mais...

PAÍS VIZINHO RECLAMA RECURSOS DA 'ZONA CONJUNTA'
RD Congo exige indemnização de 500 milhões USD a Angola

A AUTORIZAÇÃO unilateral da Sonangol à Chevron para a exploração de petróleo na 'Zona de Interesse Comum' está na base do conflito que já levou o presidente Joseph Kabila a 'varrer' do seu governo figuras 'inovoráveis' a Angola. Pág. 14

PETRÓLEO
Potencial do onshore ignorado

Com os custos de produção de petróleo a rondarem os 35 dólares por barril, especialistas apontam para a exploração onshore, que tem custos de produção muito baixos que promova a criação de micros economias locais e de emprego. Produção onshore em Angola marginal, abaixo dos 3%, com 67% de todo o petróleo no mercado internacional é explorado onshore. Pág. 4-9

EM CAUSA A CRISE DE DIVISA:
Brasileiros querem conversão monetária entre real e kwanza

A Associação de Empresas Brasileiras em Angola (AEBRAN) é autora de uma proposta que deve ser submetida ao governo brasileiro no sentido de acordar com as autoridades angolanas, para que o real seja aceite em Angola e o kwanza no Brasil. Pág. 16

Luanda com seis novas centrais eléctricas

Empresa de Produção de Electricidade - PRODEL - adquiriu seis centrais da norte-americana General Electric, no valor de 300 milhões de dólares, que preventem abastecer mais de 600 mil residências em Luanda. Pág. 18

CATIVIDADE DE DESPESAS MANTÉM PREVISÕES ECONÓMICAS
Governo descarta revisão imediata do OGE

A entrada do segundo trimestre, o valor do barril do petróleo mantém-se abaixo do preço fiscal inscrito no Orçamento Geral do Estado, mas fontes oficiais avançam que o Governo não admite, para já, a revisão do documento. Os cortes nas despesas de investimento não prioritárias são uma das explicações para a impossibilidade do Governo em alterar as referências do OGE deste ano. Pág. 10-11

Moedas: AKZ USD 360,9 Kz (+0,9) ▲ EUR 181,02 Kz (+0,7) ▲ LIBRA 279,7 Kz (+0,3) ▼ YUAN 24,7 Kz (+0,3) ▲ RAND Rand - 10,5 Kz (+0,3) ▲

Descarregue a App

Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao
comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 (Arieth Lopes),

941 784 792 (Geovana Fernandes)

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola

PORSCHE, JAGUAR E LAND ROVER SEM VENDAS

Marcas de luxo 'às escuras' em 2016

MERCADO AUTOMÓVEL. Vendas globais de viaturas registaram queda de 56%, em 2016. Concessionárias enfrentaram a falta de 'stock' e o mercado de luxo esteve às 'escuras'.

Por Isabel Dinis

MEMORIZE

● **O GRUPO AUTOSTAR** foi a concessionária que mais vendeu viaturas, com um total de 1.477 unidades. O mês de Maio foi o que mais rendeu ao grupo, com a comercialização de 202 viaturas.



O segmento de carros de luxo registou uma estagnação total em 2016, com marcas como Porsche, Jaguar e Land Rover a não registarem qualquer venda ao longo de todo o ano, revelam dados provisórios da Associação dos Concessionários de Equipamentos de Transportes Rodoviários (ACETRO), que controla 24 concessionárias no sector automóvel e 42 marcas.

A única excepção foi a marca Chrysler que vendeu apenas um

carro, segundo a ACETRO, que justifica o quadro com as dificuldades de acesso às divisas, para a importação, e o aumento "substantial dos preços".

Em termos globais, em 2016, as vendas de automóveis, de acordo com a ACETRO, registaram uma

queda de cerca de 56% comparando ao ano de 2015. Foram vendidas, durante todo o ano, um total de 9.178 viaturas contra as 20.584 do exercício anterior.

A queda na venda dos carros, durante o ano passado, foi piorando de trimestre a trimestre. No primeiro trimestre, as concessionárias venderam 3.030 viaturas, no segundo, 2.668, no terceiro, 1.885 e no quarto, comercializaram 1.595.

Numa entrevista publicada pelo VALOR em Agosto, o presidente da ACETRO e também presidente da Toyota de Angola, Nuno Borges da Silva, já anunciava um cenário não muito 'católico' para o mercado automóvel, descrevendo-o como "um mercado em crise". Nuno Borges da Silva dava conta de que as concessionárias estavam com dificuldades em pagar aos fornecedores externos e que as empresas não tinham respostas para as grandes encomendas de viaturas. Durante todo o ano passado, muitas das concessionárias debateram-se com a falta de stocks, obrigando a que os pre-



ANGOLA É DESDE FINAIS do ano passado auto-suficiente na produção de gás butano, informou, semana passada, o administrador executivo da Sonangol para a Área de Produção, Logística e Distribuição, Edson dos Santos.



A PRODUÇÃO DO CAFÉ no país tem conhecido um aumento significativo desde o ano passado, altura em que a produção do grão atingiu 7.950 toneladas, assegurou o director-geral do Instituto Nacional do Café (INCA), João Ferreira Neto, na cidade do Uíge.



948

Foi o total de carros vendidos pela COSAL

1.453

Foi o total de carros vendidos pela Toyota de Angola

33%

Foi a percentagem de trabalhadores que o sector despediu até Agosto de 2016

ços dos carros quase duplicassem. As empresas ligadas ao sector quase todas, devido à queda nas vendas e à falta de 'stock', tiveram de rever os negócios e entraram em reestruturação, o que obrigou ao despedimento de trabalhadores. Até Agosto, o sector chegou a despedir cerca de 33% dos funcionários, com a Toyota de Angola, por exemplo, a recuar de 700 para 600 trabalhadores.

FIAT MARCA MAIS VENDIDA A marca FIAT foi a que mais vendeu durante o ano de 2016, seguida da Toyota a Hyundai e a Suzuki. Em 2015, as marcas que lidaram

as vendas foram a Suzuki, a Toyota e o Chevrolet, segundo os dados da ACETRO. O grupo Autostar foi a concessionária que mais vendeu viaturas, com um total de 1.477 unidades. O mês de Maio foi o que mais rendeu ao grupo, com a comercialização de 202 viaturas. A Toyota de Angola, com 1.453 unidades vendidas, segue-se na segunda posição, ao passo que a COSAL ficou na terceira, com 948 viaturas. As concessionárias Porsche, União Comercial de Automóveis e Drive não venderam nenhuma viatura durante todo o ano passado.



PAÍS TEM APENAS UM POSTO DE PESAGEM INEA falha instalação de balanças para controlo de carga

OBRAS PÚBLICAS. INEA previa, até 2021, a instalação de 31 balanças fixas e seis móveis, com as primeiras cinco programadas para o ano passado.

Por Isabel Dinis

O projecto de instalação de balanças, nas principais estradas do país, para o controlo de cargas de veículos pesados está emperrado desde ano passado, por dificuldades financeiras, soube o VALOR de fonte próxima do processo.

No plano do Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA) está prevista a instalação de 31 balanças fixas e seis móveis até 2021, no entanto, das cinco inicialmente programadas para o ano passado, foi instalada apenas uma – a do troço Maria Teresa-Dondo –, restando a montagem dos equipamentos. A do troço Chibia-Huila está paralisada, por questões administrativas como facturação e pagamento, o mesmo estado em que se encontra a que seria instalada no Panguila, em Luanda.

Assim como o ano passado, para 2017 estava prevista a instalação de cinco balanças em várias estradas nacionais, mas não há garantias de que avancem pelas mesmas razões. “O país tem muitas prioridades devido às dificuldades financeiras”, justifi-

cou a fonte, lembrando que o país conta, até ao momento, com apenas uma balança em funcionamento na estrada número 100, na Barra do Kwanza.

O orçamento para a instalação dos cinco postos de pesagem de carga rondaria os 25 milhões de dólares. Cada posto, com duas balanças nos dois sentidos, custa cerca de cinco milhões de dólares, sendo que cada infra-estrutura comportaria cerca de um quilómetro e meio, com uma faixa de aceleração e outra de desaceleração e um parque.

Especialistas em engenharia consideram que a instalação de balanças para o controlo de carga de pesados é uma das soluções para a maior durabilidade do tapete asfáltico das estradas nacionais, principalmente aquelas de maior tráfego de mercadoria. Por exemplo, um tapete asfáltico com vida útil calculada de dez anos, com excesso de carga de 10%, reduz a sua duração para menos de cinco anos. E se o excesso atingir os 30%, o tempo útil de vida reduz para menos de dois anos.

O excesso de carga, somado à falta de conservação e um programa de manutenção contínua, o aumento exponencial do volume de tráfego e o mau uso das vias são as razões que motivaram o INEA a criar o Plano Director de Pesagem de Cargas Rodoviárias de Angola (PDPCRA).

Economia/Política

CONCLUÍDA PRIMEIRA ETAPA DA EMPREITADA

Laúca já recebe água

ENERGIA. Enchimento do reservatório da barragem de Laúca, primeira de três etapas do processo, começou no sábado. A meta passa por enchê-la até a um nível que corresponda a 800 metros, num prazo de 90 dias.

Por José Zangui

Em construção desde 2014, na província de Kwanza-Norte, a albufeira de Laúca (reservatório da barragem) começou a receber água no último sábado, com o fecho do túnel para o desvio do rio, em acto que contou com a presença de José Eduardo dos Santos, como se previa até ao fecho desta edição.

A barragem está projectada para produzir 2.070 megawatts de energia, repartidos por seis turbinas de 334 megawatts cada uma, em duas centrais. O projecto é um investimento governamental de 4,5 mil milhões de dólares e envolve a construção, produção, fornecimento e colocação em serviço do sistema de transporte de energia, sendo a terceira maior barragem em construção no rio Kwanza, depois de Cambambe e Capanda.

Segundo a previsão do Ministério da Energia e Águas, a entrada em funcionamento da central principal acontece em Julho e a central ecológica em 2018, altura em que Laúca poderá beneficiar mais de oito milhões de pessoas, além dos pólos industriais em construção.

Na empreitada, estão envolvidos mais de 10 mil funcionários contratados, na sua maioria angolanos.

14 MILHÕES DE HABITANTES EM 2025

O ministro da Energia e Águas voltou a prevenir a população quanto à manutenção das restrições ao fornecimento de energia “nos próximos dias”, por causa da estiagem.

Pelas contas do Ministério, segundo João Baptista Borges, pelo menos, 14 milhões de habitantes vão ter acesso à electricidade até 2025, meta que exige “o fortalecimento da organização interna, de modo a garantir-se a operação, manutenção e as receitas provenientes da produção e distribuição de energia”.

João Baptista Borges, que falava no termo da cerimónia de tomada de posse dos novos conselhos de administração do sector eléctrico, integrou, nos planos do Ministério, a extensão da rede de transporte de energia, a criação da rede eléctrica nacional, a electrificação das capitais provinciais e sedes municipais, além da continuidade do fluxo de investimento no sector eléctrico para os próximos anos.

Na última semana, o ministro da Economia, Abrahão Gourgel, conferiu posse aos conselhos de administração de empresas do sector eléctrico,



A entrada em funcionamento da central principal acontece em Julho.

2.070

Megawatts capacidade de energia projectada para Laúca.

960

Megawatts, capacidade instalada da barragem de Cambambe, Kwanza-Norte

550

Megawatts capacidade instalada da barragem de Capanda, Malanje

14

Milhões de habitantes terão electricidade até 2025

como a Empresa Nacional de Produção de Electricidade (PRODEL), Rede Nacional de Transporte de Electricidade (RNT e da Empresa de Distribuição de Electricidade (ENDE).

Na ocasião, Abrahão Gourgel referiu que as empresas do sector “são fundamentais para o processo de diversificação da economia nacional”, considerando que garantem “as condições infra-estruturais de base para o melhor funcionamento dos sectores produtivos, das empresas, indústrias do sector mineiro, agrícola, entre outros”.

NOVOS ROSTOS, VELHOS PROBLEMAS

Entre os nomeados, alguns já ocuparam cargos de destaque no Ministério, como são os casos de Emanuela Bernardete Viera Lopes, antiga ministra da Energia e Águas, e Simão Paulo, quadro sénior da Energia e Águas. João Baptista Borges sublinhou que o sector eléctrico está a passar por um processo de transformação e, com a entrada em funcionamento das novas empresas, vai poder atingir os seus objectivos.

O novo conselho de administração da ENDE, nomeado para um mandato de cinco anos, tem, como presidente, Francisco Dias Pereira de Sousa Talino e integra Hélder de Jesus Garcia Adão, como administra-

dor para a Região Norte, Nsiansoky Mayomona, como administrador para as regiões sul e leste, Manuel de Jesus Adão, administrador para as áreas comercial, redes e aprovisionamento e Ruth do Nascimento Safeca, como administradora para a área das Tecnologias de Informação, além de dois administradores não executivos, Pedro de Moraes Neto e João Simão Manuel da Silva.

Para a PRODEL foi nomeado, como PCA, José António Neto e quatro administradores executivos: Job Feca Martins Vilinga, para a área de produção térmica; Pedro Eduardo Afonso, para a área de produção hídrica; Mário Alberto Mendonça da Silva, para a área comercial e assuntos regulatórios, e Judith Nazaré dos Santos Lemos, para as áreas de Finanças e Tecnologias de Informação. A PRODEL conta com dois administradores não executivos, nomeadamente, Francisco de Meireles Vasconcelos Júnior e Emanuela Bernardete Afonso Viera Lopes, esta última que já exerceu as funções de ministra da Energia e Águas.

Para a RNT tomou posse, como PCA, Rui Pereira do Amaral Gourgel. Além de mais quatro administradores executivos, há dois não-executivos, nomeadamente Simão Paulo, que já foi governador de Luanda, e David Teixeira de Carvalho.

PROJECTE O SEU NEGÓCIO

É um jovem empreendedor? Tem uma empresa a dar os primeiros passos? Precisa de ajuda para a fazer crescer?

O ProJovem pode ajudá-lo, é um programa criado para ajudar a desenvolver projectos de micro, pequenas e médias empresas com empréstimos de 100 mil a 40 milhões de Kwanzas e com taxas de juro especialmente baixas e períodos de pagamento ajustados ao seu negócio.

Não fique à espera, descubra se tem tudo o que precisa para progredir, dirija-se à Agência do BCI mais perto de si e candidate-se ao Projovem.

Passe da ideia à acção:
dirija-se ao **INAPEM**
ou à **agência BCI mais perto de si.**

PROJOVEM

Linha de Crédito de Apoio ao Empreendedor Jovem

Um programa do:  Financiado por:  Operado por:  Participação de:   



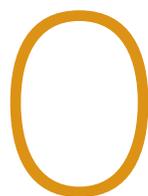
Mercado & Finanças

SUPERAVIT SÓ EM 2020

Défice orçamental cai para 3,8%

ANÁLISE. Redução do défice orçamental, nos próximos trimestres, dará o alívio necessário ao peso da dívida pública, que tem subido desde a queda dos preços do petróleo.

Por Cândido Mendes



O défice orçamental que Angola tem registado, nos últimos anos, começará a encolher “substancialmente” em 2017,

à medida que o petróleo recupera terreno e o Governo implementa reformas fiscais, aponta o relatório de Março da BMI Research, subsidiária da agência de rating Fitch.

A queda dos preços do crude, no mercado internacional, desde Junho de 2014, reduziu grandemente as receitas petrolíferas, principal fonte de financiamento do Governo.

Angola reagiu, entretanto, “impondo cortes estridentes que acreditamos, quando acompanhados com a alta dos preços do crude, vão permitir défices fiscais mais manejáveis a curto prazo até 2019”, segundo o relatório.

Assim a BMI estima que o défice, que teve o seu pico em 2015, com 8%, caia para os 3,8% este ano, e para 1,9% em 2018. A expectativa é que o país volte a experimentar de novo um “pequeno” superavit em 2020.

A contínua tendência de consolidação fiscal vai também “aliviar a pressão sobre o peso elevado da dívida pública”, que a BMI estima ter atingido 80% do Produto Interno Bruto.

A redução do défice orçamental, nos próximos trimestres,

proverá “um alívio muito necessário” ao peso da dívida pública, que enfrentou pressão extrema no seguimento do colapso das receitas do petróleo.

Nas contas da BMI Research, o encargo da dívida pública cresceu de apenas 35,2% em relação ao PIB em 2014 para os 80,6% em 2016.

Segundo analisa a subsidiária da Fitch, ainda que os défices contínuos provoquem a expansão da dívida nos próximos dois anos, os “esforços” do Governo para restringir os gastos, aliados a um desempenho mais forte no sector de petróleos, irão em

conjunto influenciar a queda do fardo da dívida para os 65,1% do PIB em 2018.

“Um endividamento mais manejável ajudará a amenizar as preocupações dos investidores sobre o impacto do colapso dos preços do petróleo na economia angolana e serve para mais uma confirmação à nossa visão de que a situação fiscal do Governo está longe do pior”, defende.

FALHA NA DIVERSIFICAÇÃO

O país tem estado a avançar menos no que diz respeito ao cumprimento das promessas do Governo de reduzir as suas receitas dependentes do sector de hidrocarbonetos. E não só a dependência ao crude não vai reduzir, como até, estima a BMI Research, vai aumentar.

No relatório, estima-se que o peso das receitas do petróleo retornará para mais de 70% em 2017, comparado com o menos de 65% registado em 2015 e 2016.

“Embora, do nosso ponto de vista, isso seja reflexo de um aumento gradual dos preços do petróleo nos próximos anos, a falha do Governo em diversifi-

car a sua base de receita deixará a sua posição fiscal vulnerável a futuras volatilidades dos preços das ‘commodities’”, avisa.

Sendo assim, os hidrocarbonetos continuarão a ser o principal suporte na posição fiscal de Angola em 2017 e 2018.

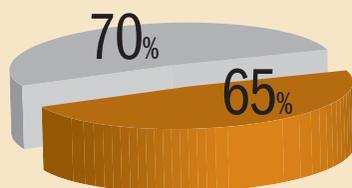
Em 2016, o Brent avançou para uma média de apenas 5,1 dólares por barril e os técnicos da BMI calculam que o barril se recupere para entre 57 e 60 dólares em 2017 e 2018, respectivamente.

A BMI mantém o “optimismo” em relação às perspectivas de produção de petróleo nos próximos trimestres, prevendo um aumento de 6,5% na produção nos próximos anos, sendo que a combinação de preços mais altos e o aumento da produção “trará um aumento de 51% nas receitas do petróleo do Governo em 2017”.

“Além das nossas perspectivas mais positivas para o sector petrolífero do país, acreditamos que o compromisso contínuo do Governo com cortes nos gastos e esforços para reformar as fontes de receita oferecerá mais apoio à sua posição fiscal”, reitera a BMI.

Receitas do Crude em relação ao PIB

● 2015, 2016
● 2017



Angola tem avançado menos no cumprimento das promessas do Governo.



70

por cento, estimativa do peso das receitas do petróleo em 2017

3,8

por cento, valor do défice esperado para este ano



VÁRIAS EMPRESAS do Moxico poderão beneficiar de financiamentos do Banco de Fomento Angola (BFA), desde que apresentem projectos exequíveis, “para permitir o rápido reembolso do capital”, anunciou, na semana passada, a administradora do Banco, Manuela Moreira.

Vera Daves,
PCA da CMC



51.ª REUNIÃO DAS BOLSAS DE VALOR

Luanda acolhe ‘conselho’ das bolsas de valores da SADC

CONCERTAÇÃO. Encontro vai discutir “ponto de situação” do mercado bolsista regional nos países-membros da Comissão das Bolsas da Região da SADC. O ministro das Finanças de Angola e o presidente da organização são presenças garantidas ao certame.

Por VALOR

Várias delegações das principais bolsas de valores da África Austral devem chegar a Luanda até ao fim da tarde de hoje, com vista a participarem, amanhã, terça-feira, 14, de um encontro da Comissão das Bolsas de Valores da SADC (CoSSE), anunciou a Bolsa de Dívida e Valores de Angola (BODIVA), em nota enviada ao VALOR.

De acordo com a agenda de trabalho, o encontro tem por objectivo avaliar o ponto de situação da actividade bolsista nos países que integram esta organização da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, da qual a BODIVA, a bolsa de Luanda, é membro integrante.

Esta é a 51.ª reunião do organismo que prevê reunir, à mesma mesa, líderes e altos quadros das bolsas dos 15 países-membros da SADC, designadamente a África do Sul, Botswana, a República Democrática do Congo, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Seychelles, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue e Angola.

A última reunião, a 50.ª, teve lugar em Mbabane, Suazilândia, e discutiu o “Desenvolvimento do Mercado de Capitais Regional e a elaboração do novo Plano Estratégico do CoSSE (2017-2021)”, por forma a incluir os desafios identificados durante a implementação do plano estratégico anterior (2012-2016).

São presenças confirmadas o ministro das Finanças de Angola, Archer Mangureira, para o discurso de abertura, e o presidente da CoSSE, Zeona A. Jacobs, a quem está reservado o momento de observações iniciais,

além de outras figuras.

O encontro enquadra-se nas reuniões periódicas que esta comissão tem levado a cabo com o propósito de “contribuir para o desenvolvimento de um mercado de capitais dinâmico, eficiente e interligado na África Austral”.

Consta ainda da agenda que, durante o evento, serão abordados temas ligados ao desenvolvimento de novos produtos financeiros, o desenvolvimento do quadro regulatório da região, a capacitação de quadros regionais e o ponto de situação do plano estratégico desta comissão para o ano em curso.

A organização espera que, no final do encontro, sejam elaboradas recomendações que visem contribuir para a “eficiência das bolsas da África Austral, tornando-as mais atractivas para os investidores nacionais e internacionais, contribuindo desta forma para a transformação da SADC num bloco económico mais forte e dinâmico”.

TRANSCOOP

Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



SERVIÇO PERSONALIZADO COM CONFORTO E SEGURANÇA

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO
NO LOCAL DA CHAMADA



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda

Call center

(+244) 947 992 829

(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



Mercado & Finanças

ÍNDICE CAIU DE 63% PARA 19%

Taxa de estabilidade financeira mais baixa dos últimos cinco anos

ANÁLISE. Índice de estabilidade financeira do mercado nacional recuou 44 pontos percentuais para os 19% em 2015. É a marca mais baixa dos últimos cinco anos, devido à redução do preço do petróleo e à degradação monetária. A fraca liquidez e o travão no crédito também ajudaram.

Por Nelson Rodrigues

Angola encerrou o ano de 2015 com a taxa de estabilidade financeira mais fraca dos últimos cinco anos, fixada em 19%, menos 44 pontos percentuais do que os registos do ano anterior, de acordo com o Relatório de Estabilidade Financeira do Banco Nacional de Angola.

De Janeiro a Dezembro de 2014, a taxa de estabilidade estava fixada em 63%, mas este valor baixou consideravelmente para 19%, no ano seguinte, motivado pela forte queda das receitas petrolíferas e “consequente degradação das condições monetárias e financeiras, sobretudo a variação cambial, aumento do crédito malparado e escassez de moeda externa que diminuiu a capacidade dos bancos em honrarem os seus compromissos imediatos em moeda estrangeira”.

O ‘Relatório de Estabilidade Financeira’ é um documento produzido pelo BNA com o objectivo de identificar potenciais riscos para o sistema financeiro angolano e dá-los a conhecer ao mercado.

Com este instrumento, o banco central avalia a organização do sistema, estrutura e composição, regulação prudencial, estrutura

patrimonial, adequação de capital, qualidade dos activos, rentabilidade, além da liquidez e gestão de fundos.

O banco central apresenta objectivamente a mudança de paradigma nos negócios dos bancos, como o crédito, a redução dos rácios de solvabilidades e a fraca liquidez como exemplos da fraca estabilidade financeira.

“Com efeito da degradação das condições monetárias e financeiras, verifica-se, por parte de alguns bancos, uma tendência de alteração do perfil de negócios, restringindo por conservadorismo a concessão de crédito, a favor das aplicações de títulos e valores mobiliários, aplicações de liquidez e operações cambiais, facto que concorreu para o abrandamento do crédito”, considera o regulador.

Só nos activos, o relatório considera que, de modo geral, os bancos apresentaram, no período, fundos próprios suficientes para suportar os seus riscos, mas chama a atenção a cinco bancos que representam uma quota de mercado de activo de 18,13%, por apresentarem rácios de solvabilidade abaixo do mínimo regulamentar.

RÁCIO DE SOLVABILIDADE MÍNIMO É 10%

O banco central estabeleceu, como mínimo regulamentar para rácios de solvabilidade, valores iguais ou superiores a 10% dos activos. “O rácio de adequação de fundos próprios (rácio de solvabilidade) deverá



De Janeiro a Dezembro de 2015, o volume de negócio da banca totalizou 8.387.123 milhões de kwanzas.

63%

taxa de estabilidade entre Janeiro e Dezembro de 2014.

19%

taxa de estabilidade registada em 2015.

ser, no mínimo, 10% dos activos de risco”, impõe o BNA, num instrutivo de 2003 e que vigora até hoje, assinado pelo então governador, Amadeu Castelhana Maurício.

Para a estrutura patrimonial e qualidade dos activos, o BNA não nomeia bancos, nem faz avaliações individuais, mas compila a situação do sector. De Janeiro a Dezembro de 2015, o volume de negócio da banca totalizou 8.387.123 milhões de kwanzas, o que representa 58,01% do PIB (a preços do mercado) e 73,88% do PIB não petrolífero, tendo aumentado em 17,66% face ao período homólogo, segundo contas do banco central.

O BNA não é a única instituição financeira com influência na estabilidade do sistema financeiro, por isso explica que “o conteúdo deste documento reflecte apenas as análises e opiniões do Banco Nacional de Angola”, conforme sublinha o supervisor.

EXPOSIÇÃO AO EXTERIOR

A avaliação do BNA conclui ainda que, se os bancos angolanos com exposição no estrangeiro perderem 35% dos seus activos externos, resultaria numa diminuição do rácio de solvabilidade do sistema financeiro nacional de apenas 19,83% para 18,88%.

“Considerando que a exposição dos bancos ao exterior é maioritariamente em relação a Portugal, foi realizada uma análise de sensibilidade através da definição de uma perda de 35% dos activos de bancos angolanos no referido país, que resultaria numa diminuição do rácio de solvabilidade do SFA de apenas 19,83% para 18,88%”, avalia o documento do BNA.

Em termos individuais, os bancos que detêm aplicações em Portugal teriam impactos negativos nos seus rácios de solvabilidade, segundo contas do regulador, que não precisa nomes de entidades, nem sector de actuação dos bancos escolhidos na análise.



Somos todos nós



SOMOS PELA INFORMAÇÃO ISENTA.

Na TPA estamos todos de acordo: é preciso falar claro para entender a actualidade nacional e formar opinião. Por isso, o programa de análise e debate da TPA tem um novo rosto e formato. Assista ao painel de jornalistas experientes que comentam os principais temas da semana, liderados por **Adalberto Lourenço**.

Todas as sextas-feiras depois do Telejornal, em directo na [tpa](#).

Reposição às segundas-feiras à 01h.

FALAR
CLARO

Empresas & Negócios

PROJECTO MAFUMEIRA

Chevron arranca produção de 150 mil barris por dia

PETRÓLEO. Recentemente, petrolífera admitiu condicionar a concretização de novos investimentos à renegociação dos impostos com as autoridades angolanas.

Por Valdimiro Dias

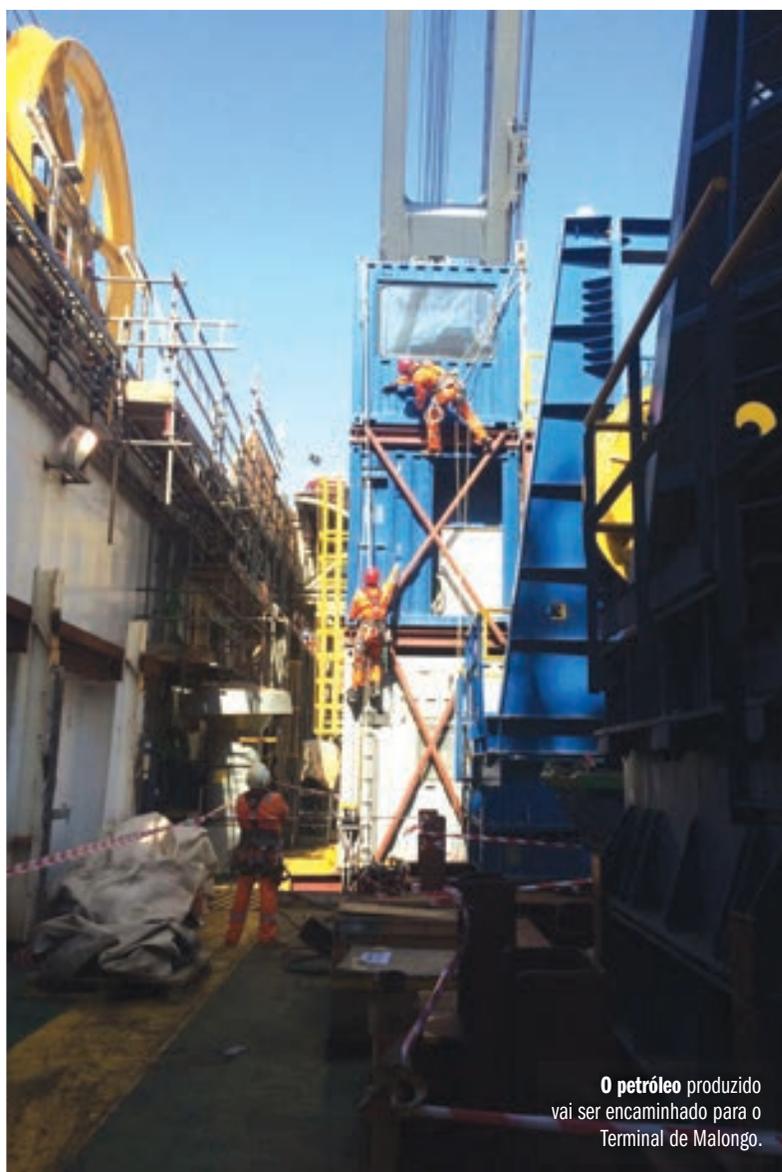
A Cabinda Gulf Oil Company (CABGOC), subsidiária da petrolífera norte-americana Chevron, iniciou a produção diária de 150 mil barris de petróleo e de 350 milhões de metros cúbicos de gás natural, no projecto Mafumeira Sul, no 'offshore' angolano, anunciou a Sonangol.

O projecto está localizado no Bloco Zero, a 15 milhas da costa de Cabinda e a 200 pés (60 metros) de profundidade, e o petróleo produzido vai ser encaminhado para o Terminal de Malongo da companhia. O gás deverá ser transportado para a Planta de Angola, através do gasoduto do Desfiladeiro do rio Congo.

O Mafumeira Sul constitui a segunda fase de desenvolvimento no Bloco Zero, sendo que a produção antecipada do projecto começou em Outubro de 2016, através de um sistema de produção temporário. O comunicado da petrolífera pública avança que a exportação do gás pela Angola LNG e a injeção de água estão programadas para o segundo trimestre de 2017, perspectivando-se que a produção continue na sua totalidade até 2018.

Integram o Bloco Zero a Sonangol E.P., com 41%, a Cabinda Gulf Oil Company, operadora, com 39.2%, a Total (10%) e a Eni (9.8%).

Recentemente, a Chevron con-



O petróleo produzido vai ser encaminhado para o Terminal de Malongo.

dicionou a realização de novos investimentos em Angola à revisão da questão fiscal com a concessionária Sonangol e com o Governo. Posição assumida pelo vice-presidente executivo da petrolífera norte-americana, James Johnsonna, em audiência concedida pelo vice-presidente da República, Manuel Vicente, a quem reafirmou,

41

por cento, participação da petrolífera Sonangol no Bloco Zero.

entretanto, a intenção de manter a aposta em Angola.

NAVIOS-SONDA

A Sonangol anunciou também que está a desenvolver, com parceiros internacionais, um novo modelo de negócio para rentabilizar dois navios-sonda, adquiridos pela companhia na Coreia do Sul e que entrarão em operação brevemente. "A entrada em operação dos navios-sonda far-se-á de acordo com as regras de 'compliance', decreto 48/06, tendo ainda subjacente um Memorando de Entendimento entre a Sonangol e as companhias operadoras internacionais, de forma a estabelecer uma tarifa diária competitiva e sustentável, indexada aos preços médios praticados no mercado internacional", lê-se no comunicado, divulgado na semana passada.

Neste momento, está em curso a conclusão do processo de financiamento, a selecção de parceiros tecnológicos e a identificação de novas oportunidades de produção, etapas discutidas com as companhias internacionais do ramo petrolífero que operam em Angola: Esso, Chevron, BP, Eni e Total.

A aposta neste tipo de estruturas operacionais surge na sequência dos "bons resultados" atingidos no passado com a operação dos navios "Pride Africa" e "Pride Angola" que traduz a aplicação de uma "nova filosofia de desenvolvimento de conteúdo nacional, de promoção do investimento e estabelece as bases essenciais para a auto-regulação do mercado específico".

Na semana passada, o site Macahub noticiou que a Exxon Mobile está a negociar com a Sonangol o adiantamento de 879 milhões de dólares para a sul coreana Daewo ShipBuilding & Marine Engineering libertar as duas plataformas de perfurações encomendadas pela petrolífera angolana.



PARCERIA

Vice da GE em Angola

O vice-presidente global para o negócio da General Electric-Energy, Russell Stokes (na foto), chega esta quarta-feira, a Luanda, onde vai desenvolver contactos de negócios na área de electrificação, segundo uma nota da General Electric (GE), em Angola.

Em África, Angola é um dos quatro 'mercados-chave' para a empresa norte-americana GE, que opera, sobretudo, nas áreas da tecnologia e dos serviços.

Além de trabalhar em projectos energéticos com Ministério da Energia e Águas, na instalação de turbinas, a GE está a fornecer locomotivas e diversos materiais de carga de passageiros ao Ministério dos Transportes, visando fazer face aos desafios do sector.

Este ano, está prevista a chegada de mais locomotivas do lote de 100 encomendado por Angola, ao abrigo de um memorando assinado em Fevereiro de 2013, em Chicago, depois de as primeiras 15 terem sido já entregues às sociedades gestoras das linhas de caminhos-de-ferro de Luanda, Lobito e Moçâmedes.

Os outros mercados que a GE fixou como prioritários, no continente, são a Nigéria, a África do Sul e o Quénia.

A REDE KERO vai construir, este ano, no Huambo, um centro comercial de grande superfície, no âmbito do seu programa de expansão. A informação foi avançada pelo governador local, João Baptista Kussumua.



O PRESIDENTE para África e América da Chevron, Clay Neff, destacou a importância estratégica do mercado petrolífero angolano, reafirmando o trabalho com a Sonangol e o Estado para novas oportunidades para se investir.



PERDAS QUEDARAM DOS 175 MILHÕES PARA OS 5 MILHÕES USD EM 2016

TAAG corta prejuízos em 97,1%

RESULTADOS. Custos elevados transitados de exercícios anteriores impediram a companhia de chegar a resultados positivos em 2016. Quem o diz é o presidente do conselho de administração da empresa, em comunicado enviado às redacções na última semana.



Peter Hill,
PCA da TAAG

Por Valdimiro Dias

O conselho de administração (CA) da TAAG cortou os prejuízos operacionais da transportadora pública em 97,1% para os cinco milhões de dólares, em 2016, face ao exercício anterior, anunciou a empresa em comunicado que atribui a auditoria às contas à consultora Ernest & Young.

Em 2015, a transportadora pública registou perdas de 175 milhões de dólares, desempenho que não é imputado, entretanto, ao actual CA, uma vez que a equipa da Emirates passou para a gestão da TAAG apenas no fim do terceiro trimestre do ano.

A empresa que fala em resultados “dramaticamente melhores em 2016” aponta, entre outras medidas, a redução do pessoal efectivo, que baixou em cerca de 8,4%, saindo dos 3.559 para os 3.268 funcionários, através de reformas planeadas.

Com o controlo da gestão da TAAG, a partir de 15 de Setembro

191

Número de trabalhadores que passaram para a reforma.

de 2015, através do acordo entre o Governo e a Emirates, a equipa de Peter Hill, o presidente do conselho de administração (PCA), con-

centrou-se na eliminação de custos desnecessários, na melhoria da contabilidade e gestão financeira, além de ter redesenhado a rede de rotas e horários dos voos. Conjunto de tarefas que, colectivamente, elevaram o desempenho financeiro da empresa e mantiveram uma “operação segura e eficiente”, segundo o PCA da companhia.

Na avaliação do gestor britânico, os custos “tão elevados” que transitaram de exercícios anteriores impediram a companhia de apresentar resultados positivos em 2016, o que seria “uma notável reviravolta que,

de certeza, encontra poucos paralelos no negócio da aviação”.

Em termos de desafios, a administração da companhia perspectiva apostar nos serviços ao cliente, com o objectivo de alcançar o nível de “melhor em África”, atraindo novos clientes e arrecadando mais receitas.

Apesar das condições gerais do mercado, a equipa de Peter Hill compromete-se a fazer o seu “melhor para repetir o bom desempenho em 2017”, considerando a margem ainda existente para a redução de custos e as oportunidades para a captação de receitas por explorar, “à medida que se continua a melhorar as equipas de planeamento de rede, de vendas e comercial”.

O PCA da TAAG assegura “um futuro promissor” para a companhia, com a meta de torná-la lucrativa antes de 2019, conforme projectado no plano de negócios da transportadora.

No comunicado, a companhia aérea assume que se tornou líder de mercado, por alguma distância, na rota Angola – Portugal, além de estar a expandir o negócio de voos de conexão entre a África Austral, Portugal e Brasil, sendo que a abertura da rota de Maputo, em Moçambique, em Novembro último, contribuiu para este esforço.

A TAAG recebeu dois novos Boeings 777-300, no ano passado, e agora opera oito Boeings 777 para os longos percursos e cinco Boeings 737 para as rotas regionais e domésticas.

VENDAS NAS CENTRALIDADES

Lojas a dois mil dólares por metro quadrado

As lojas localizadas nas centralidades de Luanda estão à venda desde Outubro do ano passado, ao preço de dois mil dólares o metro quadrado, soube o VALOR de fonte oficial da Imogentin, a empresa gestora das centralidades do Estado.

O processo teve início na centralidade do Sequele, no ano passado, e, segundo a empresa, vai estender-se à centralidade do Kilamba, onde as lojas estão em regime de arrendamento, antes de chegar a todo o país.

O responsável de comunicação e Marketing da Imogentin, Mário Guerra, indicou que as lojas comportam três categorias, sendo que o valor de cada uma dependerá da área que ocupa.

Mário Guerra alertou os candidatos já inscritos a regularizarem a situação, sob pena de perderem as lojas, e reconheceu haver um certo atraso na conclusão do processo, tendo prometido, para breve, a entrega de chaves aos contemplados.

A imogentin avisa que novos candidatos poderão substituir os já inscritos que não forem seleccionados e assegura que o pro-

cesso vai decorrer em todas as centralidades do país.

As queixas sobre os pagamentos das rendas mantêm-se. O VALOR ouviu alguns arrendatários e potenciais proprietários de lojas no Sequele e no Kilamba que alegam excesso de “burocracia” da Imogestin, além de os custos serem “demasiado altos”.

Vários clientes, que não se quiseram identificar, temem pelo agravamento das dívidas, tal como aconteceu com as casas, visto que muitas das lojas já têm mais de quatro anos de funcionamento sem pagar qualquer taxa.

Miguel Daniel



(In)formalizando

FABRICO E CONSERTOS DE CALÇADOS DÃO PARA VIVER

Sapateiro: uma profissão com mercado

OFÍCIOS. Ser sapateiro é um modo de vida lucrativo, que chega a render 300 mil kwanzas mensais. Quem abraçou a profissão garante não temer a concorrência, porque há clientes para todos. O couro vem de Benguela e da Huíla, onde a pele de boi ou de vaca pode custar entre os 12 e os 15 mil kwanzas.

Por Raimundo Ngunza

O sapateiro já não é apenas o profissional que conserta, fabrica e faz diversos trabalhos em calçado. Fazem outros acessórios como bolsas, carteiras, cintos. Na grande maioria, usa como matéria-prima o couro.

É comum os clientes levarem os calçados aos mestres para consertar. Com e sem formação na área, muitos sapateiros colam, remendam ou confeccionam calçados, sobretudo sandálias. Estão espalhados pelas ruas, becos, mercados e avenidas de Luanda. No passado, a profissão era dominada pelos mais velhos, acima dos 60 anos. Hoje a realidade é diferente. É a juventude que se destaca. A maior parte herdou a profissão de um parente mais próximo ou amigo. Semanalmente, estas pequenas sapatarias podem atender sete a dez clientes.

Um exemplo é o de Ângelo Fucula, 32 anos, na profissão há sete. Começou como jardineiro numa empresa estatal, mas aproveitou uma oportunidade e terminou um curso de formação de sapateiro. É portador de deficiência e não tem problemas em revelar os lucros. Por semana, con-

segue entre cinco e sete mil kwanzas e durante o mês arrecada, só com os consertos, de 20 a 45 mil kwanzas.

Desde que aprendeu a profissão, Ângelo Fucula, com a 8.ª classe feita, garante viver apenas desta actividade e consegue sustentar a mulher e dois filhos. Além de consertar sapatos, também engraxa. Acorda às quatro horas e tem como local de trabalho o passeio do Instituto Médio Industrial, em frente ao Chamavo.

Não consegue identificar quem são os melhores clientes, mas tem, em maior número, as mulheres. Adquire o material de que precisa no mercado dos Kwanzas, no Cazenga. O jovem sapateiro faz poupanças para constituir uma sapataria com equipamentos modernos.

Com apenas 31 anos e oito de profissão, José Sebastião é um exemplo de como se cresce profissionalmente. Começou num cantinho na Avenida de Portugal e transferiu a oficina para o bairro da Kinanga, na Samba, há dois anos. Ainda hoje fica surpreendido com o número de clientes que procuram os seus serviços e, sem medo de errar, revela que, por mês, consegue arrecadar, com a venda de sandálias e consertos, cerca de 300 mil kwanzas.

Mestre José fica incomodado por não surgirem jovens interessados em aprender a profissão que aprendeu aos 12 anos. Entende que muitos “sentem



José João Sebastião arrecada, com a venda de sandálias, cerca de 300 mil kwanzas por mês.

MEMORIZE

● **Diz-se que a origem** do sapateiro está associada a 280, em França, quando dois irmãos, Crispim e Crispiano, pregadores do cristianismo, durante o dia faziam sapatos durante a noite para sobreviver. O imperador da época fez com que os dois fossem perseguidos e degolados, por terem convertido muitas pessoas ao cristianismo. A profissão de sapateiro foi oficializada na Inglaterra em 1305, quando o rei Eduardo I estabeleceu padrões a serem seguidos para a confecção de sapatos. Uma polegada deveria ser considerada como a medida de três grãos secos de cevada, colocadas lado a lado, dessa forma, um par de sapatos que medisse 11 grãos de cevada o número do calçado seria 11.

vergonha” e consideram ser “uma profissão para velhos”.

Em companhia de quatro colegas, usando técnica associada à sabedoria,



Angelino Domingos factura 50 mil kwanzas por mês.



Ângelo Fucula, factura, por mês, 45 mil kwanzas a consertar sapatos.

consegue fabricar sandálias, reduzir ou aumentar um sapato. Chega a ficar até altas horas da noite para acabar as encomendas. O material usado, como a sola seca e o couro, compra em Benguela, sobretudo nos criadores de gado a 15 mil kwanzas, enquanto os produtos para acabamentos vêm da África do Sul, Dubai e Namíbia. Garante não ter uma hora de descanso e, quando resolve parar, aparece sempre um cliente. Uma sandália pode custar entre quatro e cinco mil kwanzas.

Já Angelino Domingos, com alguma ironia, confessa não gostar de pôr as mãos dentro dos calçados e “sentir o chulé”, mas sublinha que “tudo requer sacrifício”. Com três anos de profissão, senta-se na cadeira e vai consertando sapatos, sandálias e sapatilhas. Com apenas 20 anos, aprendeu o ofício com os irmãos e com passar do tempo foi aperfeiçoando e hoje considera ser um bom profissional. Sustenta a esposa e um filho. Por mês consegue obter de 40 a 50 mil kwanzas.



- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO



✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS



✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



DE JURE

DOCUMENTO PREVÊ SALÁRIO BASE E OUTROS BENEFÍCIOS

Aprovado regime jurídico da cedência temporária de trabalhadores



Presidente da República, José Eduardo dos Santos

LEI. Entre as penalizações previstas para eventuais incumpridores, constam punição com multas e suspensão ou cancelamento da autorização de exercício da actividade pela empresa.

Por Redacção

Um despacho recente, assinado pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos, aprova o diploma que regula o regime jurídico de cedência temporária de trabalhadores, bem como a actividade das empresas de trabalho temporário e as suas relações contratuais com trabalhadores e com os utilizadores.

O aplica-se a empresas privadas, mistas e cooperativas que tenham, como objecto social, a cedência temporária de trabalhadores. O documento justifica a aprovação com a necessidade de se estabelecer o regime jurídico da concessão de trabalhadores, bem como as formalidades para a autorização do exercício dessa actividade.

A celebração do contrato de cedência apenas é admissível para os trabalhadores com dois meses de serviço efectivo na empresa de

trabalho temporário, sendo considerados nulos todos os contratos que não obedeçam este requisito.

O documento aprovado prevê ainda que a actividade de cedência temporária de trabalhadores carece de autorização prévia do titular do departamento ministerial que superintende a Administração do Trabalho, devendo para efeito o requerente ter idoneidade, capacidade técnica, organizativa e funcional e situação contributiva regularizada, perante a administração fiscal e segurança fiscal.

O trabalhador cedido temporariamente tem direito, segundo o regime jurídico, a auferir o salário base e os complementos remuneratórios decorrentes da actividade do respectivo posto em que for escalado, bem como as condições de segurança, higiene e saúde no trabalho que os demais trabalhadores beneficiam.

As empresas privadas, mistas e cooperativas com este objectivo que não cumprirem com os regulamentos podem ser punidas com multas e a suspensão ou cancelamento da autorização de exercício da actividade de cedência temporária de trabalhadores pela empresa.

Lei das florestas mais exigente

A partir deste mês, a emissão de licenças de exploração florestais passa a ser da exclusividade do Ministério da Agricultura, que alarga essa competência aos departamentos provinciais do sector.

A medida foi aprovada na reunião conjunta da Comissão Económica e da Economia Real do Conselho de Ministros, na passada quinta-feira, e visa melhorar a gestão dos recursos florestais.

A Lei das Florestas, que revoga a legislação anterior sobre o sector,

prevê, por outro lado, que as empresas que beneficiarem do sistema de concessão poderão ver esse direito alargado por mais de 20 anos.

Pretende-se, com o diploma, dar maior exigência às concessões. Uma das exigências é a apresentação de um plano de negócios, de um inventário da área em que vai trabalhar e, após exploração, o reflorestamento da região.

A Lei das Floresta prevê também a fixação de quotas de exploração por províncias, em função

do levantamento que está em curso por via do inventário florestal, que já permitiu ao Ministério da Agricultura ter uma ideia sobre as quantidades desse recurso, nalgumas províncias.

A lei prevê a participação do Estado em algumas empresas, dada a importância estratégica do sector madeireiro. Actualmente, as receitas que o Estado obtém da madeira são as provenientes das taxas e emolumentos à exploração e exportação.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

SÃO NOVAS E APOSTAM EM MUDAR A 'IMAGEM' DO CONTINENTE

As empresas mais inovadoras de África

EMPREENDEDORISMO. São conhecidas pela criatividade, imaginação e grande nível tecnológico. Começaram como pequenas empresas (as chamadas 'start-ups'), em incubadoras de escritório, e hoje figuram nas 10 mais inovadoras de África, de acordo com a revista Fast Company, especialista em tecnologia, e nos estudos da UBI Global, uma organização sueca que se dedica a analisar o sucesso das incubadoras de empresas em todo o mundo.

Por Emídio Fernando

1 IHUB – Quénia



OBJECTIVO: Conectar, ampliar e acelerar a tecnologia em África. A iHub venceu todos os prémios de inovação, dos últimos anos. Foi criada por Erik Hersman, um especialista em tecnologia e 'blogger', que se formou na Ritt Valley Academy, da Flórida, nos EUA, mas dedica-se profissionalmente ao Quénia e ao Ruanda. A iHub tornou-se num recurso essencial para a comunidade tecnológica do Quénia. É uma incubadora de empresas, sem fins lucrativos, que aloja, em 'co-working', empresas e universidades. Em três anos, teve 10 mil membros e levou ao lançamento de 150 empresas - muitas das quais dedicadas a encontrar soluções tecnológicas para problemas específicos em África. E são estas empresas que permitem os lucros da iHub.

2 SANERGY – Quénia

OBJECTIVO: Melhorar o saneamento sustentável na África Subsaariana. As centenas de milhares de pessoas que vivem nos musseques, no Quénia, recebem diariamente casas de banho portáteis, em 'kits' com papel higiénico, serradura, sabão e água. É este modelo de sustentabilidade criado pela Sanergy. Os moradores compram e gerem instalações sanitárias, ao mesmo tempo, tornam-se microempresários. Todos os dias, os resíduos são recolhidos e transportados para um centro de gestão onde são tratados de acordo com as normas e regras estatais de defesa do ambiente. São transformados em fertilizantes e vendidos, mais baratos, aos agricultores da África Oriental. O projecto nasceu no Quénia, mas já está a ser implementado na Índia.



3 ONE ACRE FUND – Quénia



OBJECTIVO: Criar uma nova geração de agricultores. O modelo é simples e tem um impacto enorme. A empresa, One Acre Fund, prevê, em breve, representar a maior rede de pequenas fazendas de África. Fornece aos agricultores sementes e fertilizantes a crédito, forma os agricultores para os usar e ajuda a vender as colheitas, nas zonas mais próximas. Foi lançada no Quénia, em 2006, e já se expandiu ao Ruanda, Burundi e Tanzânia. Em 2016, já tinha envolvido mais de 400 mil agricultores que a empresa chama "pequenos patrões". E tem sempre abertas candidaturas a novos projectos.

4 ROCKET INTERNET – Quénia

OBJECTIVO: Comércio ao estilo dos EUA em África. Inspirado em lojas 'online' norte-americanas, a Rocket Internet entrega alimentos e outros produtos, gere imobiliário, faz reservas de hotéis e criou o site Jumia, considerado o mais popular de África. Por cada serviço prestado, tem uma empresa, daí que o lema da Rocket Internet seja 'Nós construímos empresas'. Grande parte dos negócios está concentrada e gerida pela sede, em Berlim, na Alemanha.



5 KONGA – Nigéria



OBJECTIVO: Tornar as compras 'online' mais seguras. O conceito é igual ao dos 'sites' de compras em todo o mundo. Mas o que distingue o Konga é ter vendedores que conseguem entregar os produtos, tanto em pequenas aldeias nigerianas como nas grandes empresas internacionais ou em residências na capital. Tem mais de 200 mil artigos à venda, desde a electrónica ao vestuário, passando por produtos para bebés, móveis, livros e até produtos de cuidados de saúde. A Konga foi fundada por um jovem, Sim Shagaya, quando tinha apenas 28 anos, em 2012. Juntou mais 20 pessoas, que começaram o negócio. Hoje tem mais de 700 funcionários.

6 STERIO.ME – Nigéria



OBJECTIVO: Criar infra-estruturas para a educação. É uma das mais jovens empresas nigerianas de tecnologia. Lançou um serviço móvel de 'e-learning' para 75 escolas. O serviço utiliza mensagens SMS que dão aos alunos acesso ao material e lições que podem ser ouvidas fora da sala. As aulas são pré-gravadas pelos educadores e enviadas como uma chamada de voz livre, bastando accionar um código de SMS específico. Os educadores podem ser notificados sobre quais os alunos que terminaram as aulas e como elas foram dadas, acrescentando os módulos de classificação e com uma ferramenta que pode ajudar a preparar a aula seguinte.

7 UPENERGY – Uganda

OBJECTIVO: Melhorar os métodos para que cozinhar seja mais seguro no meio rural. Milhões de pessoas nas zonas rurais do Uganda usam meios ineficientes e perigosos quando cozinham, como são exemplos, os fogos de três pedras e a querosene. A UpEnergy garante que morrem, todos os anos, mais de 3,5 milhões de pessoas por uma exposição errada ao fumo. A empresa aposta na protecção do ambiente, criando cozinhas ecológicas e mais eficientes, usando tecnologia de ponta e painéis solares. A venda é feita pelas grandes empresas e por retalhistas locais (através de apoio e orientação de vendas directas) para disponibilizar cozinhas mais seguras, mais ecológicas e mais eficientes.



8 DAPTIO – África do Sul



OBJECTIVO: Aprendizagem adaptativa. A empresa nasceu, impulsionada pelos cálculos das Nações Unidas: o crescimento do mercado de aprendizagem móvel, em África, nos próximos cinco anos, vai ser 39% e espera-se que o 'e-learning' seja um mercado que possa proporcionar lucros de 530 milhões de dólares, já este não. O fundador, Tabitha Bailey, começou por criar programas de aprendizagem para a infância. Fundada em 2013 e baseada na Cidade do Cabo, a Daptio usa a inteligência artificial para ajudar alunos, mentores e professores a compreender o nível de eficiência de cada estudante, bem como combinar o conteúdo relevante.

9 PREPCLASS – Nigéria

OBJECTIVO: Preparar estudantes para entrarem na universidade. É mais uma empresa orientada para a educação. A PrepClass é um portal para quem quer entrar na universidade e enfrenta os testes padronizados da Nigéria. Cada aluno paga para fazer testes, saber os resultados, 'online' ou em papel, e ainda receber instruções personalizadas para melhorar. O portal tem parcerias com mais de mil cibercafés em toda a Nigéria, que disponibilizam, de borla, o uso da internet. Cada aluno, na página da empresa, pode escolher o tutor que entender.



10 AWEZA – África do Sul



OBJECTIVO: Ligar uma sociedade dispersa. É uma autêntica 'Torre de Babel' na internet. Com um país com mais de 11 línguas oficiais, a Aweza dispõe-se a preencher a lacuna entre as comunidades segmentadas no país e diminuir a barreira da língua. Criou um aplicativo que permite traduzir palavras e frases, permitindo que todos possam conversar com todos. 'Uma nação, uma única conversação' é o lema da empresa que trabalha ainda com artistas e designers, vendendo imagens gráficas e publicidade nas 11 línguas.

Repensar o crescimento da produtividade



J. Bradford De Long

Actualmente, a população mundial é, em média, cerca de 20 vezes mais rica do que era durante a longa Idade Agrária. Entre 7000 aC e 1500 dC, os recursos eram escassos, o progresso tecnológico foi lento e as pressões 'malthusianas' mantinham quase todas as populações humanas a um nível de quase subsistência, com um rendimento 'per capita' diária de menos de 1,50 dólares nos termos actuais.

Em 2017, apenas cerca de 7% da população mundial pode ser considerada assim tão pobre. Tomemos, como exemplo, um cenário no qual assumimos o valor monetário total do que produzimos actualmente e o usamos para comprar tipos de bens e serviços que as pessoas que vivem com 1,50 dólares por dia consomem. O valor médio diário da produção global seria de 30 dólares por pessoa (a preços correntes).

Essa é hoje a nossa receita global anual de 80 triliões. E enquanto os frutos da produtividade global não são distribuídos igualmente, a riqueza global da nossa sociedade actual deixaria os nossos predecessores da Era Agrária estupefactos.

Além disso, não produzimos e consumimos as mesmas coisas que os nossos ancestrais da quase subsistência. Em 2017, 40 quilocalorias por dia em grãos básicos não fariam muito bem a ninguém. Enquanto isso, bens e serviços análogos comuns que agora consumimos teriam sido absurdamente caros na Idade Agrária. E, em muitos casos, tais comparações não poderiam sequer ser consideradas. Tiberius Claudius Nero não poderia ter comido morangos com creme durante o primeiro século aC, porque ninguém pensou em colocar esses dois itens juntos até que os cozinheiros, o cortesão Tudor e o cardeal Thomas Wolsey os servis-

sem no século XVI.

Em 1606, havia apenas uma pessoa que poderia sentar-se em casa e prestar atenção a um drama sangrento audiovisual sobre bruxas. O seu nome era James Stuart, rei da Inglaterra e da Escócia. Tinha, só para ele, William Shakespeare e os homens do teatro a fazê-lo. Hoje, mais de quatro biliões de pessoas, com 'smartphones', 'tablets' e televisores, desfrutam de uma forma de entretenimento que antes era reservada apenas aos monarcas absolutos.

Para dar mais um exemplo: o homem mais rico do século XIX, Nathan Mayer Rothschild, morreu, com 50 anos, de um abcesso infectado. Se lhe tivesse sido dada a opção de entregar toda a sua riqueza para comprar uma dose de antibióticos modernos, ele provavelmente teria feito.

Então, é realmente enganoso dizer que uma pessoa típica de hoje é 20 vezes mais rica do que o seu predecessor de Idade Agrária, porque as escolhas do consumidor agora se estendem muito além dos bens e serviços que estavam amplamente disponíveis na época. As pessoas de hoje desfrutam, não apenas da abundância, mas de uma variedade sem precedentes de escolhas, o que constitui um impulso significativo para a riqueza global.

Mas quão significativo é esse impulso?

Estudos estatísticos do Departamento de Comércio dos EUA, e das suas agências 'irmãs' noutros países, têm lutado para medir o papel da crescente 'variedade' na produtividade. Segundo estimativas normais, o crescimento anual da produtividade do trabalho na região do Atlântico Norte foi de 1% entre 1800 e 1870, 2% entre 1870 e 1970 e 1,5% desde então - com um possível abrandamento na última década. Mas esta é, em grande medida, uma estimativa

de como se melhoraram as necessidades básicas para os pobres do mundo. Não mede o quanto as nossas vidas foram enriquecidas para conseguirem ter uma maior produtividade.

Devemos muito desse enriquecimento às inovações que transformaram fundamentalmente a civilização humana. Estas incluem sanitários, automóveis, energia eléctrica, comunicações de longa distância, processamento de informações modernas, e assim por diante.

Mais uma vez, teria sido ridiculamente caro - ou simplesmente impossível - ter alcançado capacidades semelhantes em períodos anteriores da história. No final do Império Romano, apenas um aristocrata rico poderia ter comprado um 'nomenclator' - um escravo encarregado de memorizar nomes e rostos, lembrando ao aristocrata quem eram quando as ocasiões sociais assim o exigiam. Hoje, ter um 'smartphone' básico é melhor do que ter uma comitiva de uma dúzia, ou mesmo milhares, de assistentes 'nomenclator'.

Ao pensar sobre o futuro do crescimento e as oportunidades que o crescimento contínuo poderão abrir a toda a humanidade, devemos reflectir sobre até quanto chegamos. Têm sido frustrantes as minhas próprias tentativas de medir a grande escala do crescimento económico no Atlântico Norte nos últimos 200 anos, mas estou confiante de que a produção aumentou 30 vezes ou mais.

Quanto mais crescimento podemos contar e o que isso significará para quem nos tornaremos? Se o passado é um guia, nunca poderemos saber. Os morangos e o creme de amanhã ainda não foram inventados.

- professor de Economia na Universidade de Berkeley, na Califórnia,
- ex-subsecretário do Tesouro dos EUA durante a administração Clinton

O homem mais rico do século XIX, Nathan Mayer Rothschild, morreu, com 50 anos, de um abcesso infectado. Se lhe tivesse sido dada a opção de entregar toda a sua riqueza para comprar uma dose de antibióticos modernos, ele provavelmente teria feito.

Internacional



NA AUSTRÁLIA

Tesla oferece soluções energéticas

A empresa de fabrico de carros eléctricos, a Tesla, fez uma proposta original ao governo da Austrália: promete resolver, em apenas 100 dias, todos os problemas de rede de energia. Caso contrário, oferece, de graça, o sistema de armazenamento de energia.

A proposta partiu do próprio fundador e líder das marcas Tesla e SpaceX, Elon Musk. Tudo começou quando um dos vices da empresa garantiu que conseguiria resolver o problema na Austrália do Sul, em 100 dias. Um empreendedor australiano aproveitou para perguntar ao líder da Tesla se aquilo era sério. Elon Musk respondeu no Twitter: "A Tesla vai instalar o sistema e pô-lo a funcionar em 100 dias após a assinatura do contrato ou é de graça. É sério o suficiente para si?"

A Tesla instalou recentemente uma unidade de armazenamento de energia (que utiliza baterias) com capacidade de 80MWh, na Califórnia, em 90 dias. O objectivo é armazenar energia proveniente da rede em períodos em que a procura pela electricidade é menor, para depois a libertar nas horas de pico.

ODEBRECHT TERÁ PAGO MAIS DO QUE SE PREVIA

Aumentam as denúncias de corrupção

A Odebrecht movimentou mais de 3,39 mil milhões de dólares em pagamentos ilícitos entre 2006 e 2014, relatou o ex-funcionário da empreiteira Hilberto Mascarenhas ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Numa declaração divulgada pelo jornal brasileiro Folha de S.Paulo, o ex-executivo da Odebrecht detalhou que, entre 15% e 20% deste dinheiro, que corresponde aos valores de 500 milhões até 680 milhões de dólares,

foi usado no financiamento ilícito de campanhas políticas no Brasil.

A outra parte do dinheiro movimentado pelo sector de Operações Estruturadas da Odebrecht - área criada dentro da empresa para pagar 'luvas' segundo informações divulgadas pela Operação 'Lava Jato' numa das etapas das investigações dos crimes cometidos na Petrobras-, foi empregada para subornar e receber vantagens em obras e serviços no exterior.

O ex-funcionário da Odebrecht também detalhou a movimentação anual do 'departamento de luvas' ao juiz Herman Benjamin

do TSE, que está a julgar um processo contra a coligação da ex-presidente Dilma Rousseff e do actual presidente Michel Temer nas presidenciais de 2014.

O montante total é três vezes maior do que uma estimativa divulgada no final de 2016 num relatório do Departamento de Justiça dos EUA, que apontou que a Odebrecht juntamente com a Brasken - braço petroquímico do Grupo Odebrecht -, teria pago 1,038 milhões de dólares num amplo esquema criminoso de pagamento de luvas no Brasil e em outros 11 países.

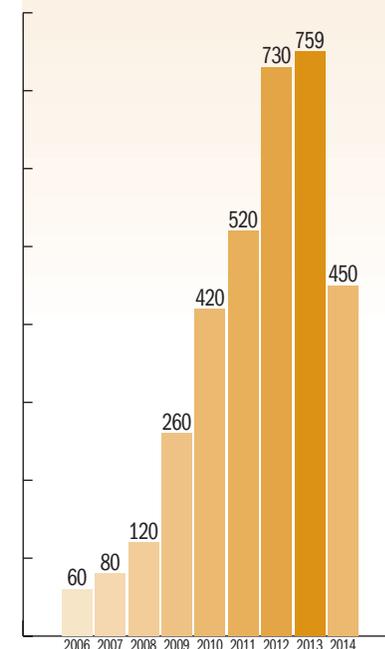
A Odebrecht terá pago 1,038 milhões de dólares num amplo esquema criminoso.



'Luvas' da Odebrecht

De acordo com as denúncias do funcionário da empresa brasileira, o "departamento de luvas" disponibilizou verbas nos últimos anos que foram sempre subindo, com excepção de 2014 quando o escândalo estava no auge.

■ Valores expressos em milhões de dólares



LEI DA IMIGRAÇÃO

Trump enfrenta cinco Estados

Cinco Estados norte-americanos entraram numa luta jurídica contra a nova ordem executiva de

Donald Trump, que visa impedir que os cidadãos provenientes de seis países de entrem nos EUA. Depois do Havai e de Washington, também Nova Iorque, Massachussets e Oregon se opõem ao bloqueio.

A anterior tentativa tinha sido

chumbada, depois de o Estado de Washington ter recorrido.

Na última segunda-feira, o presidente dos EUA assinou um segundo documento no qual introduziu algumas alterações, mas que, em traços gerais, tem o mesmo objectivo. O Havai seguiu o exemplo de Washington e avançou também com um processo judicial para tentar a suspensão.

Depois disso, foi a vez do Oregon, Nova Iorque e Massachussets entrarem na disputa judicial. Mas,

em vez de avançarem autonomamente, entregarem pedidos de autorização para que se possam juntar ao processo de Washington e combater em conjunto a ordem executiva.

Os cidadãos da Somália, Síria, Sudão, Líbia, Irão e Iémen — mas já não os do Iraque — ficam sujeitos às consequências da ordem executiva e não podem entrar em território norte-americano durante 90 dias. Fica igualmente suspensa a entrada no país de refugiados e requerentes de asilo.



Donald Trump, presidente dos EUA

O FMI ALERTA para a “situação económica difícil” que o Brasil está a enfrentar, mas confia que a economia vai sair da recessão ainda neste ano. A economia brasileira registou uma queda de 3,6% em 2016.



AS IMPORTAÇÕES alemãs cresceram mais do que o esperado, em Janeiro, ultrapassando o aumento das exportações. A balança comercial caiu de 19,5 mil milhões USD, em Dezembro, para 16 mil milhões em Janeiro.



MOÇAMBIQUE

Banco apoia florestas

O Banco Mundial aprovou uma dotação de 47 milhões de dólares para apoiar o Projecto de Investimento Florestal do Governo de Moçambique (MozFIP), de acordo com um comunicado da entidade financeira.

Segundo a nota, o projecto faz parte de um esforço para conter o rápido ritmo de desflorestação e criar novas oportunidades de subsistência para as comunidades rurais através de melhores práticas de manejo florestal e da terra em paisagens específicas.

Moçambique é dotado de recursos naturais, incluindo 40 milhões de hectares de florestas naturais, das quais quase 27 milhões de hectares são florestas produtivas, tendo contribuído com mais de 300 milhões de dólares para o Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos.

Apesar do seu enorme potencial, as florestas naturais estão a ser rapidamente destruídas a uma taxa anual de 0,35% ao ano, representando uma perda anual de quase 140 mil hectares.

O projecto foi desenvolvido em colaboração com as autoridades locais e centrais, comunidades, sector privado e sociedade civil, segundo a nota. E vai beneficiar 163 mil famílias da Zambézia e Cabo Delgado.

PETRÓLEO NOS EUA

Descoberta recorde no Alaska

A

Repsol anunciou ter descoberto, no Alasca, uma área que deverá resultar na extracção de 1,2 mil milhões de barris de crude no Alasca, naquela que é classificada como a maior nos últimos 30 anos nos EUA. Foi a própria petrolífera espanhola que revelou a descoberta. Os recursos foram descobertos numa jazida mineral, com o nome ‘Pikka’, localizada na região de Nanushuk, no distrito de North Slope, em consórcio com a empresa associada Armstrong Energy.

A região poderá tornar-se uma das mais ricas na extracção de crude. Para se ter uma ideia: Angola produz 1,5 milhões de barris por dia.

As primeiras produções poderão começar em 2021, com a previsão de uma produção diária de cerca de 120 mil barris de petróleo. A descoberta surgiu depois de a Repsol, e também de outras empresas petrolíferas, terem feito elevados cortes de custos e na produção como consequência do colapso dos preços do crude. A última grande descoberta da companhia espanhola deu-se em 2009, na Venezuela.

A descoberta poderá pressionar ainda mais os preços do petróleo, que, na semana passada, desceram para menos de 50 dólares por barril. O mercado continua com muita oferta apesar do corte da produção por parte da OPEP.



Os preços do petróleo, na semana passada, desceram para menos de 50 USD.



Gerry Rice, porta-voz do FMI

DÍVIDA MOÇAMBICANA

Fundo Monetário exige auditoria

O

Fundo Monetário Internacional (FMI) insiste na realização de uma auditoria independente à ocultação de dívidas por parte de Moçambique, antes de negociações sobre um novo programa de ajustamento. “Conti-

nuamos a defender essa auditoria e, nesse contexto, continuamos a discutir a possibilidade de um novo programa apoiado pelo FMI”, anunciou o porta-voz do FMI, Gerry Rice.

Em Novembro de 2016, o FMI denunciou a ocultação pelas autoridades moçambicanas de endividamento externo no valor de 1,37 mil milhões de dólares (cerca de 10,6% do PIB em 2015) entre 2012 e 2015.

Em Janeiro, Moçambique falhou o pagamento de quase 60 milhões de dólares referentes a uma emissão de dívida pública, no valor de 727,5 milhões de dólares, feita em Abril do ano passado.

Aquela dívida já tinha sido sujeita a uma reestruturação que alargou o prazo de reembolso de 2020 para 2023 e aumentou a taxa de juro anual.

PORTUGAL

Tabaco ‘rouba’ impostos

P

ortugal perdeu mais de 115 milhões de dólares em receitas fiscais do tabaco, em 2016, revela o DN, citando as autoridades portuguesas. No ano passado, foram apreendidos 198 milhões de cigarros. O valor da fraude foi obtido calculando “as apreensões de mercadoria ilegal e o que se apurou nas investigações que terá sido introduzido no consumo nacional”, garantiu, ao jornal português, o comandante da Unidade de Ação Fiscal (UAF) da Guarda Nacional Republicana.

A polícia portuguesa afirma que há redes organizadas a “introduzir marcas brancas produzidas em fábricas clandestinas dos Balcãs e do Leste europeu em países onde o imposto sobre o tabaco é mais elevado, nomeadamente no Norte da Europa”.

Em média, um maço custa, em Portugal, 4,5 euros, na Irlanda 9,28, no Reino Unido 10,10, na Noruega é 10,75. O custo de fazer um maço de tabaco de marca branca numa fábrica ilegal pode não ultrapassar os 50 a 60 centimos.

Já foram detectadas fábricas clandestinas de marcas brancas de tabaco em Espanha, Reino Unido, Alemanha, Áustria, Holanda, Bósnia, Eslováquia, República Checa, Lituânia, Estónia, Polónia, Letónia, Bulgária, Ucrânia, Macedónia, Grécia, Rússia e Bielorrússia.



Em média, um maço custa, em Portugal, 4,5 euros.

Ambiente

OMS REFERE-SE A DADOS ANUAIS

Problemas ambientais matam mais de 1,7 milhões de crianças

POLUIÇÃO. Entre riscos apresentados pela OMS, o destaque vai para a poluição, exposição a fumo de tabaco, insalubridade da água, falta de saneamento e de higiene.

Mais de 1,7 milhões de crianças com menos de cinco anos morrem, por ano, devido a doenças relacionadas com problemas ambientais, como poluição do ar ou exposição a produtos químicos, denunciou a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Esse número representa cerca de um quarto do total de mortes de crianças até aos cinco anos em todo o mundo, segundo informação da OMS divulgada na semana passada.

A agência da ONU publicou os estudos 'Herdando um mundo sustentável: Atlas sobre a saúde das crianças e o ambiente' e 'Não contamine o meu futuro' que analisam a relação entre a saúde dos mais novos e o que os rodeia.

Entre os riscos ambientais listados, está a poluição do ar interior e exterior, exposição a fumo de tabaco, insalubridade da água ou a falta de saneamento e de higiene.

Do total das 1,7 milhões de mortes, cerca de 570 mil devem-se a infecções respiratórias, como pneumonia, que se podem atribuir à poluição do ar, assim como à exposição ao fumo de tabaco, enquanto 361 mil crianças são vítimas de diarreias devido à falta de acesso à água potável e ao insuficiente saneamento e à falta de condições de higiene.

"Um ambiente poluído é mortal, particularmente para as crianças mais novas", referiu a directora-geral da OMS, Margaret Chan, citada num comu-



resíduos eléctricos e electrónicos são os novos perigos ambientais que ameaçam a saúde das crianças.

570

Mil mortes de crianças devem-se a infecções respiratórias como a pneumonia.

200

Mil crianças até aos cinco anos morrem devido a quedas, acidentes rodoviários, envenenamentos, incêndios ou afogamento.

MEMORIZE

- As crianças são mais vulneráveis à poluição do ar e da água já que os seus organismos e sistemas imunitários estão ainda a desenvolver-se e, por exemplo, o seu aparelho respiratório é frágil.

nicado da entidade.

As crianças são mais vulneráveis à poluição do ar e da água já que "os seus organismos e sistemas imunitários estão ainda a desenvolver-se e, por exemplo, o seu aparelho respiratório é frágil".

Segundo a OMS, grande parte das doenças que são as principais causas de morte de crianças entre um mês e cinco anos poderia ser evitada com intervenções que se sabe reduzem os

riscos ambientais, como o acesso à água potável e a utilização de combustíveis adequados à preparação das refeições.

A maior parte das mortes relacionadas com factores ambientais regista-se nos países em vias de desenvolvimento onde, por exemplo, a poluição causa mais de metade das infecções respiratórias aos mais novos.

Os especialistas apontam novos perigos ambientais que ameaçam

a saúde das crianças, como os resíduos eléctricos e electrónicos, como os telemóveis em final de vida, que não são correctamente reciclados, expondo os mais novos a toxinas que podem levar à redução das aptidões cognitivas, ao défice de atenção, a lesões pulmonares ou mesmo cancro.

As alterações climáticas fazem aumentar as temperaturas e os níveis de dióxido de carbono, o que favorece a produção de pólen,

associada ao aumento dos casos de asma entre as crianças.

Actualmente, de acordo com o estudo da OMS, 44% dos casos de asma entre crianças com mais de cinco anos são uma consequência directa da poluição atmosférica.

A OMS referiu ainda que, em cada ano, cerca de 200 mil crianças até aos cinco anos morrem devido a quedas, acidentes rodoviários, envenenamentos, incêndios ou afogamento.

Educação & Tecnologia

EVAN SPIEGEL TEM APENAS 26 ANOS

CEO do Snapchat vale 5,4 mil milhões USD

REDES SOCIAIS. Após sucesso da entrada em bolsa do Snap, a fortuna dos fundadores do Snapchat subiu 44,6%. Evan Spiegel já é o único multimilionário com menos de 30 anos a liderar uma empresa cotada.

Era o IPO (entrada de uma empresa em bolsa) mais esperado de 2017 e o resultado não podia ter sido mais animador para Evan Spiegel, 26 anos, e Bobby Murphy, 28, que detêm, cada um, 18% do capital social da empresa. Os fundadores do Snapchat viram a rede social que criaram enquanto estudavam na Universidade de Stanford a disparar cerca de 44% no dia em que as acções se estrearam na bolsa nova-iorquina. Spiegel tornou-se assim no único multimilionário com menos de 30 anos a liderar uma empresa cotada, a nível mundial.

Em Wall Street, a semana passada começou com o Snap a ser transaccionado a 17 dólares por acção e terminou com o valor dos títulos a tocar os 24,48 dólares. Na sexta-feira, a cotação da acção superou

os 27 dólares e o valor de mercado da empresa já ultrapassa os 31 mil milhões. Evan Spiegel e Bobby Murphy viram a avaliação da sua fortuna pessoal crescer 44,6% para 5,44 mil milhões de dólares cada um. Subiram 150 lugares no ranking da Bloomberg sobre as 500 pessoas mais ricas do mundo. São ambos sub-30. Bobby Murphy licenciou-se em Matemática e Ciências Computacionais. Spiegel nunca chegou a terminar os estudos na Universidade de Stanford.

Mas à cabeça da operação, que era 'de loucos', mas que se transfor-

mou, por enquanto, num sucesso, está mesmo o californiano. Evan Spiegel, 26 anos, noivo da modelo australiana (e um dos anjos da Victoria's Secret) Miranda Kerr, de 33 anos, apareceu pela primeira vez na lista dos multimilionários da Forbes em Março de 2015, com uma fortuna pessoal avaliada em 1,5 mil milhões de dólares. Dois anos depois, a fortuna de Spiegel é quatro vezes maior. Numa conferência em Stanford, disse que tinha sido "tudo uma questão de sorte".

O Snapchat foi desenvolvido na casa do pai de Evan Spiegel, de onde o agora multimilionário só saiu em Novembro de 2014, quando tinha 24 anos e pouco tempo antes de receber a oferta milionária de Mark Zuckerberg, no valor de três mil milhões de dólares. Pode ter saído tarde da casa do pai, mas quando saiu, saiu para uma casa de três assoalhadas, que comprou por cerca de 3,3 milhões de dólares, segundo a Forbes.

150

posição em que os dois novos milionários se encontram no ranking da Forbes.



MAIS DE 600 MIL UNIDADES VENDIDAS

Nintendo Switch bate recordes de vendas

VIDEJOGOS. Desde a semana passada, a consola Switch está a ser um sucesso de vendas e o jogo 'The Legend of Zelda' recebeu das melhores análises na história.

A Nintendo colocou à venda, este mês, em todo o mundo, a nova consola Nintendo Switch. Após o primeiro fim-de-semana, a Switch bateu recordes com aquele que foi o maior lançamento da empresa na Europa.

Ao fim de apenas dois dias, a Switch conseguiu ultrapassar o volume de vendas da Nintendo Wii, que vendeu mais de 600 mil unidades nos primeiros oito dias, nos EUA. Também em Portugal, segundo o comunicado oficial da marca, a consola vendeu mais no fim-de-semana de lançamento do que qualquer outra consola da Nintendo, fazendo com que a Switch esteja a ser o maior lançamento de sempre da Nintendo na Europa.

A juntar à festa, também o jogo 'The Legend of Zelda: Breath of the Wild', que actualmente é o único grande título disponível

para a nova consola, está a seguir o mesmo caminho e já é um sucesso. Segundo o comunicado, o jogo terá recebido uma das melhores análises de sempre da história dos videojogos, ocupando o quarto lugar dos jogos mais bem classificados de sempre no agregador Metacritic, com pontuação de 98/100.

Na Europa, 'Zelda' tornou-se o maior título de lançamento de sempre da Nintendo, superando as vendas do jogo mais popular da marca, o 'Wii Sports'. Uma surpresa é o facto de ambos os produtos, consola e jogo, terem sido lançados em Março e não numa altura mais próxima ao natal, como aconteceu com a Wii.

Fora da Europa, 'The Legend of Zelda' foi o jogo da empresa mais vendido na altura do lançamento (sem contar com o 'Wii Sports' que vinha agregado à consola Nintendo Wii). Este é outro feito na história da Nintendo, em especial porque o mesmo título está disponível para a anterior Nintendo Wii U, que foi uma consola que ficou longe de ser um sucesso.

Marcas & Estilos

Tudo muda...

Bose Quiet são fones de ouvido projectados para o som ser mais confortável e mais fácil de chegar a si. Coloque-os e, de repente, tudo muda. A sua música é profunda, poderosa e equilibrada, e tão silenciosa que cada nota soa de forma mais clara. Até as viagens aéreas se tornam agradáveis, pois o ruído do motor desaparece suavemente.

Inspiração microcós mica

Os edifícios contemporâneos, os canteiros de obras e a arquitectura urbana são a inspiração atrás deste projecto do novo designer britânico Benjamin Hubert de Benjamin. Os seus livros jamais teriam lugar melhor.

Luxos e preciosidades

Este é uma requintada peça feita que representa os produtos da Louis Vuitton. Como se não bastasse, traz de bônus um incrível compartimento com capacidade para levar 30 relógios, uma maneira luxuosa de exhibir os seus bens mais preciosos.

Limites celestiais

Uma peça chave da colecção Theory of Geoma é o medalhão Skywatch, elegante, belo e intemporal. Inspirado pela cor e expansividade do céu, este colar foi produzido com 18 quilates de ouro branco, diamantes e esmalte.

Padrões temporais

Com ouro amarelo de 18 quilates e uma espessura de 36 milímetros, o Rolex President é totalmente personalizado com diamantes de alta qualidade em toda a sua estrutura. O seu último modelo dispõe de opções em ouro amarelo, branco e rosa.

Pegadas do poder

Os 'calcanhares' da Natalie são clássicos e mínimos, com uma borda moderna feita à mão, pelos mais qualificados e renomados artesãos italianos. Apresentam, na parte superior, couro e camurça suave que se estende à palmilha. A cinta do dedo em malha transparente torna estes saltos altos perfeitos para encontros formais e saídas à noite.

TURISMO

Paz no Mussulo

Já se sabe que a Ilha do Mussulo tem mil encantos. A Roça das Mangueiras é mais um com a particularidade de oferecer um conforto quase único, a começar pelo barco que atraca mesmo à 'porta' do 'resort'. Tem a praia, com ondas suaves, apesar da agitação provocada pelas pequenas embarcações. E depois há o mundo que nos oferece o 'resort' com quartos duplos ou residências para famílias ou casais. Segue-se a piscina, com o senão de ser demasiado rasa para os miúdos mais inquietos e para quem gosta de nadar. Há ainda o restaurante, com serviço de 'buffet', e com um extraordinário pequeno-almoço. Acima de tudo, há calma e a sensação querer ficar assim por mais dias. Não fossem os preços caros....



AUTOMÓVEL

Geração Nissan

Quando a Nissan resolveu lançar o Qashqai causou grande sensação. Primeiro, pelos sete lugares que se podiam transformar num carro de transporte. Depois pelo tecto panorâmico a todo o comprimento no SUV. A marca japonesa lança, este ano, a nova geração do Qashqai, com mais equipamentos, assentos em cabedal e sobretudo a nova tecnologia de con-

dução autónoma. A ProPilot permite controlar a direcção, a aceleração e a travagem numa faixa única, mas apenas em autoestrada, além de ter a velocidade de cruzeiro. No interior, destacam-se os painéis informativos, o volante cromado e um som, certamente a pensar nos angolanos, com sete colunas. À venda a partir de Maio, na Europa.



AGENDA

LUANDA

ATÉ 28 DE MARÇO

Exposição 'Flash referência' de Landrick Luzinga, Galeria Tamar Golan. A partir das 18 horas.

ATÉ 18 DE MARÇO

Semana de exposição de arte, roupas africanas, sumos naturais, pinturas corporais, bijuterias, artesanato, aulas de dança e muito mais, no Museu da Moeda. Entre as 12 e as 18 horas.

DE 14 A 18 DE ABRIL

Exposição de tecelagem 'Estudos sensoriais - A Poesia das Coisas Materiais' da artista Ana Paula Sanches, às 18 horas, no Centro Cultural Português. Entrada livre.

DE 16 A 18 DE MARÇO

Festival de Cinema Francófono, no Centro Cultural Brasil-Angola. A partir das 15 horas. Entrada livre.

18 DE MARÇO

Concerto do grupo BKO Quintet do Mali, às 21 horas, no Palácio de Ferro. Entrada livre.

“ Quando se abre uma empresa, o importante é expandir o negócio e ninguém o faz para ter prejuízo. Acidentes de percurso acontecem e o mais importante é levantar e continuar a caminhar. ”

MARIA ODETE TAVARES, EX-ATLETA, DIRIGENTE DESPORTIVA E EMPREENDEDORA

“Fazer negócios não é para qualquer mulher”

DESPORTO. Depois de várias conquistas no andebol, como atleta, Maria Odete Tavares colocou o ponto final na carreira e dedica-se a ser empresária. Criou uma creche e sonha em construir um hotel, mas reconhece que tem de ser modesta e que o sucesso só se atinge vencendo batalhas diárias.

Por Raimundo Ngunza

A mulher deve aprender a trabalhar?

Claro que sim. Qualquer trabalho serve, desde que seja digno e não a roubar. Devemos adaptar-nos de acordo com a realidade e não ter vergonha.

Como surge a ideia de criar a creche ‘Odete Tavares’?

Já tenho a creche há um ano. Apesar da dificuldade na aquisição de alguns produtos e artigos para apetrechar a creche devido à subida dos preços, está correr tudo bem. A situação socioeconómica que Angola atravessa está a inibir muitos encarregados de educação a

recorrer a estes serviços, mas temos funcionárias que são grandes guerreiras, por não ser fácil trabalhar com muitas crianças. Sou mãe e tenho essa experiência. É um trabalho feito com muito carinho, amor, dedicação e responsabilidade. Sinto-me satisfeita por ter construído a creche.

É fácil ter uma creche?

Não é fácil. Temos de ter as condições exigidas e adequada para exercer o trabalho. Temos de ter autorização da inspecção da saúde, dos bombeiros e do Ministério da Assistência e Reinserção Social e de uma série de instituições para abrir portas. Costumo dizer que, na vida, nada é fácil, é uma luta, uma batalha todos os dias.



Mário Mujetes © VE

PERFIL

Maria Odete Tavares

nasceu em Benguela a 18 de Agosto de 1976. Foi reeleita para um segundo mandato à frente da Associação Angolana a Mulher e o Desporto (AMUD). Iniciou a carreira desportiva no Nacional de Benguela em 1987. Estreou-se na selecção nacional júnior em 1994, por indicação do técnico Norberto Baptista, e chegou ao escalão sénior em 1997 pela mão de Beto Ferreira. Tem, no currículo, três presenças em jogos olímpicos, seis participações em mundiais e em africanos, três títulos nacionais pelo ASA, Enana e 1.º de Agosto. Terminou a carreira e é hoje uma empreendedora, dona de um centro infantil, em Viana, Luanda.

Depende. Nem todo o mundo deve ser empreendedor. Cada pessoa pode dar o seu contributo nas outras áreas do saber desde que consiga fazer aquilo de que mais gosta. Fazer negócio não é para qualquer mulher.

Sonha ser uma empresária de sucesso?

Claro que sim. Reconheço que não é fácil, é uma luta, uma dura batalha e é sonho de uma pessoa que possui uma empresa por mais pequena que seja. Quando se abre uma empresa, o importante é expandir o negócio e ninguém o faz para ter prejuízo. Acidentes de percurso acontecem e o mais importante é levantar e continuar a caminhar.

O hotel Odete Tavares...

Esse é o mais difícil. Requer custos, gastos. Por enquanto, não tenho capacidade financeira para fazer um hotel e o futuro só a Deus pertence.

Que conselhos dá às mulheres com veia de criar negócios?

Março é conhecido como o mês das mulheres, mas elas não devem ser lembradas apenas neste mês. Continuamos a lutar, a ser fortes, temos a responsabilidade de dar dádiva da vida. Devemos andar de mãos dadas e não estar em frente e também atrás.

A situação socioeconómica que Angola atravessa está a inibir muitos encarregados de educação a recorrer a estes serviços, mas temos funcionárias que são grandes guerreiras, por não ser fácil trabalhar com muitas crianças.

A creche em Viana é o ponto de partida?

Sim. Viana é um ponto de partida. O desejo é implementar as creches nas centralidades, mas a falta de espaço dificultou esta acção, mas não vou ficar de braços cruzados. Não vai ser hoje e pode não ser amanhã, mas a vida continua. A vida é uma dinâmica, hoje estou neste ramo, amanhã estarei noutra. O importante é lutar a cada dia e dar valor à vida.

E o colégio ‘Odete Tavares’?

Já não existe em consequência da requalificação de Sambizanga. É um assunto que não gosto de falar.

As mulheres devem ser empreendedoras?

NÚMEROS DA SEMANA

60

Milhões de dólares, valor disponibilizado pelo governo da Polónia para reforçar a segunda fase das obras do projecto da Academia de Pescas do Namibe.

4

Mil, número de empresas portuguesas que deixaram de exportar para Angola, entre 2014 e 2016, segundo dados da Câmara de Comércio e Indústria Portugal-Angola.

90

Mil toneladas, quantidade de quota de importação de peixe carapau, que o Governo voltou a instituir para este ano.

22

Mil toneladas, quantidade de produtos que a fazenda Kuvango, na Huíla, prevê colher este ano.

SANEAMENTO BÁSICO NO SUMBE, KWANZA-SUL PR ‘liberta’ 400 milhões USD

Sumbe vai receber obras públicas de 463,8 milhões de dólares, em saneamento básico, infra-estruturas e estabilização de encostas, trabalho que deverá ser operacionalizado por empresas chinesas.

A medida faz parte do projecto de desenvolvimento das infra-estruturas integradas do Sumbe, cujas obras e a correspondente fis-

calização e coordenação dos trabalhos foram aprovadas por despacho presidencial, publicado, este mês, no Diário da República.

O documento refere a “necessidade de se aprovar a implementação das obras, fiscalizações e coordenação, atinentes ao programa do Executivo relativo à melhoria do saneamento básico e da malha urbana”.



A empresa China Harbour Engineering Company (CHEC) foi seleccionada para construir dois lotes desta obra, envolvendo as infra-estruturas integradas do Sumbe, e a estabilização de encostas e realojamentos, por 311,2 milhões de dólares.

Soma-se um terceiro lote das empreitadas, entregue aos chineses da Sinohydro Corporation, por 130,8 milhões de dólares, bem como 2.935 milhões de kwanzas para a fiscalização e coordenação das obras.

Segundo o despacho, assinado pelo Presidente da República, as empresas serão contratadas directamente pelo Ministério da Construção, devendo o Ministério das Finanças libertar os recursos financeiros necessários para a implementação do projecto.



RISCO SOBERANO Moody's e Fitch avaliam Angola

Duas missões das agências internacionais de notação de risco soberano, a Moody's e a Fitch, estão em Luanda, desde o passado dia 9, para efectuar avaliações permanentes dos programas de governação económica e do ambiente de atracção de investimentos.

A agenda das duas missões, que se estende até ao dia 16, prevê, entre outros pontos, a discussão com as autoridades angolanas de temas ligados aos desenvolvimentos recentes dos principais indicadores macroeconómicos.

A Fitch e a Moody's pretendem avaliar a performance do sector petrolífero, o perfil de produção, novas descobertas, venda em leilão de blocos e níveis de reservas, o estado actual da banca comercial, a política monetária e os seus resultados, balança de pagamentos, desenvolvimento do sistema financeiro, regime de câmbio no sector do petróleo e reservas internacionais.

RELAÇÕES EXTERIORES

Governo corta custos diplomáticos

O Governo quer economizar os custos das missões diplomáticas, tendo criado um grupo de trabalho envolvendo os ministérios das Finanças e das Relações Exteriores.

As missões diplomáticas e consulares no estrangeiro deverão custar ao Estado, este ano, mais de 32,6

milhões de kwanzas, sendo praticamente metade deste valor relativo a despesas com pessoal e contribuições sociais dos trabalhadores.

Estas despesas, orçamentadas pelo Governo, cresceram quase 20% face ao OGE de 2016, então fixado, na revisão de Setembro, em

27.845 milhões de kwanzas. Nos últimos meses, foram relatadas, na imprensa, dificuldades financeiras em várias missões diplomáticas e consulares, provocadas pela crise e pela falta de divisas, necessárias para o seu funcionamento.

No documento, os ministros das Relações Exteriores, Georges Chikoti, e das Finanças, Archer Manguera, formalizaram a criação de um grupo de trabalho visando, em primeira linha, “regulamentar os direitos dos diplomatas”, incluindo funcionários, devendo apresentar uma proposta até ao final deste mês. O grupo de trabalho é coordenado pela directora nacional do Orçamento do Estado e inclui representantes dos dois ministérios.



O VALOR ESTA SEMANA

NA ORDEM DOS 97% TAAG corta prejuízos

A transportadora aérea nacional, TAAG, anunciou ter cortado prejuízos, em 2016, na ordem dos 97%, reduzindo de 175 para cinco milhões de dólares. A redução de funcionários foi uma das medidas adoptadas pelo conselho de administração. O quadro de efectivos, em Angola, é composto por 3.268 contra os anteriores 3.559. Pág. 19

PROJECTO HIDROELÉCTRICO Laúca já recebe água

O reservatório da barragem do Laúca, no Kwanza-Norte, começou a receber água no sábado, sendo esta a primeira das três etapas do processo que deverá durar 90 dias. A barragem está projectada para produzir 2.070 megawatts de energia, repartidos por seis turbinas de 334 megawatts cada uma, em duas centrais. Pág. 12



LOJAS NAS CENTRALIDADES Imogestin inicia vendas

A Imogestin, empresa gestora das centralidades, anunciou a venda de unidades comerciais em Luanda ao preço de dois mil dólares o metro quadrado. O processo, que já arrancou no Sequele, em Outubro, deverá estender-se nos próximos dias ao Kilamba. Pág. 19